



Licenciatura em Ciências Biológicas

MARIA APARECIDA PEREIRA DE OLIVEIRA

"É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre": A permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, IFG - Câmpus Formosa

FORMOSA (GO)
2014

MARIA APARECIDA PEREIRA DE OLIVEIRA

**"É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre": A
permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, IFG - Câmpus
Formosa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Formosa, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora. Prof^a. Ma. Kaithy das Chagas Oliveira.

FORMOSA (GO)
2014

O46 Oliveira, Maria Aparecida Pereira de

"É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre": A permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, IFG - Câmpus Formosa.

60 f. ; 30 cm

Orientadora: Kaithy das Chagas Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura).
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, câmpus Formosa, 2014.

1. EJA. 2. PROEJA. 3. Permanência. I. Oliveira, Kaithy das Chagas, orient. II. Título.

CDD 374.001



MARIA APARECIDA PEREIRA DE OLIVEIRA

"É preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre": A permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, IFG - Câmpus Formosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Formosa como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Por

Prof^a. Ma. Kaithy das Chagas Oliveira
Orientadora

Prof^a. Ma. Daniela Pereira Versieux
Profa. IFG Formosa

Prof. Dr. Luís Cláudio Rocha Henriques de Moura
Prof. IFG Formosa

À minha família pela compreensão por todos os momentos ausentes. Ao meu irmão, João Batista Bispo dos Santos (*in memoriam*). Saudades eternas!

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo presente da vida e pelas oportunidades de aprendizado que me concede.

À minha orientadora Prof^ª. Ma. Kaithy C. Oliveira, pela orientação que muito contribuiu no desenvolvimento deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Aos discentes da primeira turma do PROEJA, curso Técnico em Manutenção de Suporte em Informática que foram primordiais para que esta pesquisa se realizasse.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Pereira de. **"É preciso ter força, é preciso ter raça, é precisoter gana sempre"**: A permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, IFG Câmpus Formosa, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas). IFG. Formosa - Goiás.

RESUMO

Esta pesquisa faz uma abordagem acerca da EJA - Educação dos Jovens e Adultos, que após um histórico de lutas é reconhecida como modalidade de ensino; faz alusão a respeito de algumas políticas públicas que a permearam, explicitando sobre alguns programas criados na tentativa de possibilitar aos jovens e adultos, oportunidades na formação pessoal e profissional, um direito que lhes cabe, mas que por muito tempo foi negado. Entre os programas enfatizados está o PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, ofertado no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás Câmpus Formosa (IFG), deste modo, esta pesquisa teve como objetivo principal compreender quais foram os fatores motivadores que favoreceram a permanência dos alunos da primeira turma do Proeja do curso Técnico em Suporte e Manutenção de Informática do IFG. E a partir da perspectiva do próprio sujeito, por meio de questionário e entrevista, compreender o diferencial que os motivou para permanência e conclusão do curso na referida instituição de ensino. Com a pesquisa foi possível concluir que para os discentes, os fatores determinantes para suas permanências foram os seguintes itens: o professor que no decorrer do curso se aprimorou no enfrentamento da EJA e se tornou um dos grandes motivadores para os alunos. A questão das aulas práticas realizadas durante o curso e o "apoio" dos próprios amigos da turma.

Palavras-chave: EJA. Proeja. IFG. Permanência.

ABSTRACT

This research is an approach to some of the EJA - (Educação de Jovens e Adultos), who after a history of struggles is recognizes as for of education. Alludes to some public politics that permeated explaining about some of the programs created in an attempt to enable young people and adults, opportunities in personal training and professional, a right that it is up to them, but that had long been denied. Among the programs emphasized is PROEJA elaborated with the Basic Education in the modality of Education of Young people and Adults, offered in Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás Câmpus Formosa (IFG), were the enrolled subjects in the program may continue in their studies and achieve the training for the personal and professional lives, but sometimes end up, giving up on the curse, causing the circumvention, in this way, this research has as main objective to understand what were the motivating factors that favored the permanence of the students of the first class of the PROEJA, of the Technical Course in Computer Maintenance and Support from IFG. And from the perspective of the subject himself that motivated them to stay there and complete the course in that of education. Through research it was concluded that for the students, the determinants for their stays were the following: the teacher during the course has improved coping in the EJA and became one of the great motivators for students. The question of practical classes held during the course and the "support" own friends in the class.

Keywords: EJA. PROEJA. IFG. Constancy.

LISTA DE SIGLAS

CEFET-GO	Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás
EJA	Educação de jovens e adultos
IFG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PAS	Programa Alfabetização Solidária
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL E ALGUMAS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	15
1.1 PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS - PROEJA	22
2 SUJEITOS DA EJA E AS TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS DO PROEJA-IFG CÂMPUS FORMOSA-GO.....	27
2.1 A INSERÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O CASO DO CÂMPUS FORMOSA	27
2.2 PERFIL DOS DISCENTES DO PROEJA CÂMPUS FORMOSA-GO.....	32
3 A PERMANÊNCIA DOS EGRESSOS DO PROEJA IFG-CÂMPUS-FORMOSA-GO.....	38
3.1 O PROFESSOR QUE SE FORMA NO ENFRENTAMENTO DA EJA.....	39
3.2 O ASPECTO PRÁTICO NA FORMAÇÃO DO DISCENTE DO PROEJA	44
3.3 APOIO MÚTUO DOS ALUNOS (AMIGOS) DA TURMA	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI - ESTRUTURADA	

INTRODUÇÃO

Durante a trajetória da minha vida, tive a oportunidade de conhecer pessoas adultas que tinham suas responsabilidades e ocupações e ainda assim retornaram aos bancos escolares vislumbrando a possibilidade de resgatar a chance perdida quando ainda criança, os estudos. Sujeitos estes que acreditavam ser possível retomar "o tempo perdido" e vencer o desafio de uma vida até então sem perspectivas de melhorias. Na concepção de Ceratti (2007, p. 20), “falamos de homens e mulheres que vivem seu cotidiano passando por situações humilhantes, onde enfrentam desafios com estratégias sociais e cognitivas desenvolvidas num contexto de negação de uma condição indesejada”, mesmo no enfrentamento destas dificuldades conseguem retonar ao ambiente escolar e alcançar o objetivo mais básico da escolarização, o ler e o escrever. Outros tantos, entretanto, não alcançam a mesma possibilidade, mesmo depois de recomeçar tardiamente, acabaram abandonando os estudos.

Frente a essa realidade, algumas questões se colocam, tais como: por que alguns desanimaram depois de retornarem à escola? Por que continuam? O que desfavoreceu sua permanência? E aqueles que continuam, que incentivos possuem? Quais as dificuldades enfrentadas para continuar? De imediato, pode se verificar que não deve ser fácil recomeçar! São tantas preocupações, “afazeres”, o corpo cansado depois de um dia de trabalho braçal. Essa é a realidade de muitos jovens e adultos que retornam à escola à procura de expectativas melhores para o futuro. Pais e mães de família que após um dia de labuta, pegam “suas armas” (o caderno e o lápis) e vão para onde querem estar até conseguirem provar para si mesmos que podem e que vão conseguir alcançar o objetivo proposto. Para uns sujeitos a alfabetização, aprender a ler as palavras e a escrever o próprio nome; para outros, que almejam ainda mais, prosseguir os estudos e se profissionalizarem, baseando-se em uma educação de qualidade de forma que “extrapole os preceitos do assistencialismo e do mercado [...]” (CASTRO; MACHADO; ALVES, 2010, p.25).

Mas para se obter êxito na meta traçada é preciso frequência, disciplina nas aulas, aprendizado adequado. E para que isto proceda, faz-se necessário a permanência na instituição escolar e o aproveitamento necessário para se alcançar a devida aprendizagem durante o curso.

Pontuar a questão da permanência e rendimento escolar é algo que se mostra muito relevante, uma vez que muitos são os jovens e adultos que gostariam de ter iniciado e mantido a perspectiva de continuidade dos estudos, encontrando aval na busca pela melhoria profissional e social, mas nem sempre encontraram motivos e respaldo para prosseguirem.

Sobre esse contingente de cidadãos que ficaram afastados do ambiente escolar e posteriormente retornam quando adultos, refere Maria Moura (2007),

[...] a maioria desses alunos presentes na escola se encontram fora da faixa etária obrigatória, prevista em lei, gerando uma nova demanda de alunos com trajetória escolar de insucesso no Ensino Fundamental diurno. Essa nova demanda se juntou aos milhões de pessoas jovens e adultos que não frequentaram a escola por falta de oportunidade, ou tiveram que abandoná-la pra trabalhar a fim de garantir sua subsistência e de sua família e, posteriormente na vida adulta retornam aos bancos escolares na tentativa de resgatar o tempo perdido e exercer de fato e de direito sua cidadania (p.6).

Por vezes, esse sujeito, quando ainda criança, precisou se dedicar ao trabalho na lavoura, despertava às quatro da manhã e viveu o enfrentamento de conseguir uma vaga no ônibus e quando conseguia, procurava adormecer lentamente sem querer se preocupar com o que estava por vir, pois o plantio mais próximo ficava a três horas da cidade. Ao chegar ao local do trabalho com os outros companheiros de lida, vislumbrava o amanhecer e logo pisava na terra molhada, misturada ao orvalho frio da manhã. O sujeito já sabia que o enfrentamento do dia estava só começando. Essa criança, que logo seria um jovem-adulto, teve que contribuir com a subsistência da família e desde cedo, ainda na infância, reconhecer que mesmo querendo estudar, planejar e conquistar as oportunidades que lhe era de direito, teve que sobreviver. Esse cenário é comum para “[...] as famílias que são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e o tempo da escola” (BRASIL, 2007, p.10).

Muito próxima a essa descrição está o público que compõe a educação de jovens e adultos, que são na sua maioria sujeitos que retornam aos bancos escolares na idade adulta, em busca de melhores condições de vida, alunos que “carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, a alimentação, moradia, ao trabalho e à sobrevivência” (ARROYO, 2006, p. 24). E mesmo após uma trajetória social repleta de dificuldades e incertezas, retornam à escola a procura de alfabetização, oportunidades profissionais e ascensão social.

Sujeitos que na sua vida não tiveram como assumir seus direitos estudantis, mas na quando adulto podem recomeçar por meio de programas de profissionalização, que favoreça qualidade de aprendizagem ao sujeito participante do programa. E assim por meio do PROEJA um programa do governo que possibilita a profissionalização do sujeito integrando-o em sociedade, isto se mostra possível.

A EJA atualmente é uma modalidade de ensino¹ que após um histórico de lutas, alcançou o reconhecimento e apoio das políticas públicas e, também, por meio do “Decreto nº 5.478 de 24 de junho de 2005 torna obrigatório às instituições Federais a integração entre a educação básica e o ensino profissionalizante” (PASQUETTI, 2009, p. 9), por meio do PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

O PROEJA é um programa do governo que promove o acesso à profissionalização do sujeito integrando-o em sociedade e possibilitando a conclusão do ensino básico e uma formação profissional de qualidade.

Esta pesquisa é uma oportunidade de compreender os fatores que foram essenciais para a permanência e conclusão do curso pelos egressos da primeira turma do PROEJA, iniciante em Junho de 2010 no Curso Técnico em Manutenção de Suporte em Informática, Integrado ao Ensino Médio do IFG - Instituto Federal de Goiás, Câmpus Formosa e dessa forma entender a partir da concepção dos próprios discentes, o que foi fundamental para prosseguirem no curso e o concluírem, buscando aferir quais foram os fatores motivadores que favoreceram aos mesmos permanecerem no IFG, bem como, quais as abordagens metodológicas e estrutura necessária que os sujeitos consideraram fundamentais para sua permanência, durante o período que estudaram na referida instituição de ensino. Sujeitos estes que “terão a possibilidade de ler o mundo, no sentido freireano, estando no mundo e o compreendendo de forma diferente da anterior ao processo formativo” (BRASIL, 2007, p. 36), pois para Freire o sujeito/aluno por meio da construção do conhecimento e após o processo formativo terá a possibilidade de compreender sua existência na sociedade, podendo verbalizar sua própria palavra e ser crítico diante da realidade que o permeia.

O aluno ingressante no PROEJA poderá conquistar sua autonomia profissional e progredir na transformação da sua própria realidade. Mas é preciso determinação, força de vontade e apoio estudantil apropriado para iniciar e permanecer no curso escolhido. Assim, esta pesquisa procurou identificar os fatores motivantes que segundo os discentes da primeira turma do PROEJA foram determinantes para a permanência no curso até a sua conclusão, analisando os elementos que colaboraram motivando-os à continuidade e permanência dos estudos no IFG.

¹ Segundo o conselheiro Jamil Cury, do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº. 11/2000, modalidade é um estilo próprio de fazer educação, devendo-se considerar as características dos sujeitos jovens e adultos (BRASIL, 2007).

Mostra-se relevante explicar mais claramente a decisão de pesquisar a proposta de educação destinada ao público PROEJA, visto que no meu estágio destinado à modalidade EJA, durante a graduação no IFG, foi observado o quanto os sujeitos jovens e adultos acabam no decorrer do ano letivo perdendo o interesse de persistir nos estudos após iniciá-los, tal fato, por vezes conduz a reiteradas idas e vindas à escola, ocasionando insucesso escolar, acarretando muitas vezes a evasão.

Foi observado que alguns sujeitos da modalidade EJA, têm o perfil parecido com os alunos jovens e adultos da primeira turma do PROEJA do IFG-Câmpus Formosa, sendo estes os participantes da pesquisa.

Constata-se que iniciaram na primeira turma do PROEJA, um total de vinte e seis alunos e no momento da conclusão do curso, fizeram parte do grupo de egressos apenas oito sujeitos.

Este trabalho conduz as seguintes perguntas: O que foi o diferencial para esses alunos que permaneceram no IFG até o final do curso? O que os motivou para alcançar êxito nos objetivos traçados ainda no primeiro dia de aula em Junho de 2010? Para se alcançar as respostas referentes a estas indagações, tornou-se necessário conhecer quem são esses sujeitos, suas falas e, assim, compreender a concepção dos discentes egressos do PROEJA que vieram compor a história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás Câmpus Formosa, sendo a primeira turma destinada ao público de jovens e adultos que integram a educação profissional técnica de nível médio na cidade. Sendo estes os sujeitos protagonistas desta pesquisa, o (a) aluno (a) jovem e adulto, e assim, “[...] compreender que os sujeitos têm história, participam de lutas sociais, têm nome e rosto, gêneros, raças, etnias e gerações diferenciadas” (BRASIL, 2005, p. 17), demonstrando fundamental relevância ouvir esses sujeitos e compreender o que os motivou a permanecerem e conseqüentemente concluírem essa etapa dos estudos.

Tomou-se como tipo de pesquisa o Estudo de Caso da primeira turma do PROEJA do Curso Técnico em Manutenção de Suporte em Informática, tendo a abordagem qualitativa, que segundo Richardson (1999 apud MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 271) esse tipo de abordagem “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]”. E foi dentro desta perspectiva que se procedeu com o grupo focal e com as entrevistas, técnicas fundamentais no trabalho de escuta dos sujeitos participantes desta pesquisa. De maneira inicial, partiu-se de um levantamento bibliográfico, tomando como referência os seguintes documentos: o Documento Base do Governo Federal, destinado ao PROEJA, bem como

artigos relativos à educação, estabelecendo diálogo com diversos autores, como o estudioso em educação Paulo Freire.

Foi realizado um momento de grupo focal, tornando possível a participação de todos os discentes da turma reunidos. “A essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos” (LERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116). Como modalidade de pesquisa, adotou-se a Focalizada. Sobre esta modalidade relatam Marconi e Lakatos (2011, p. 281), “Quando há um roteiro de tópicos relativos ao problema a ser estudado e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser, sobre razões, motivos, esclarecimentos”.

Para se concretizar o objetivo proposto e apreender as respostas dos entrevistados, escolheu-se a técnica de entrevista gravada Semi-estruturada com cada discente. Nas quais buscou-se entender os fatores que contribuíram para a suas permanências no curso. Com a entrevista gravada, levou-se em relevância a possibilidade de serem captados detalhes não alcançáveis em uma entrevista não gravada. Sobre isto, mencionam Marconi e Lakatos (2011, p. 281) “[...] quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão”.

Com a técnica de entrevista gravada foi possível a comparação das respostas dos sujeitos, permeando o discurso dos mesmos no primeiro momento em grupo e no segundo momento por meio da entrevista destinada a cada sujeito individualmente, favorecendo flexibilidade no diálogo. Foram utilizados nomes fictícios a cada discente, possibilitando assim, a não identificação imediata dos participantes da pesquisa. Os alunos assinaram termos de “livre esclarecimento”, autorizando o uso das suas falas junto à pesquisa. Como síntese desse processo investigativo, segue a exposição do trabalho que se encontra dividido em três itens interdependentes.

O primeiro item é o Histórico da Educação de jovens e Adultos no Brasil e algumas políticas públicas, aborda alguns processos que ocorreram na tentativa de aproximar o conhecimento aos sujeitos jovens e adultos, referindo brevemente o histórico da EJA no Brasil, destacando as contribuições do Método Paulo Freire além de destacar algumas Políticas Públicas que respaldam esta modalidade de ensino. Enfatiza sobre o IFG - Instituto Federal de Goiás, Câmpus Formosa ressaltando a respeito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos-PROEJA.

A segunda parte refere sobre: Sujeitos da EJA e as trajetórias dos sujeitos do PROEJA-IFG Câmpus Formosa-GO, versa sobre a implantação do PROEJA no IFG, enfatiza sobre o sujeito da EJA e as trajetórias dos alunos do PROEJA. Que revelam sua realidade vivenciada durante o galgar de sua existência, apresentando os discentes com nomes fictícios, onde os mesmos expõem em suas falas, obtidas por meio de entrevistas, quais foram os elementos que favoreceram suas permanências, motivando-os a permanecer e concluir o curso, possibilitando assim à compreensão dos dados coletados.

O terceiro item tem como título: A permanência dos egressos do PROEJA IFG-Câmpus Formosa, discorre sobre as questões fundamentais para a permanência dos egressos da primeira turma do PROEJA, focando as possibilidades didático-pedagógicas. E encontra-se exposto o discurso dos discentes, sobre o que contribuiu para suas permanências durante a trajetória no IFG-Câmpus Formosa.

De modo conclusivo, as considerações finais fazem referência à EJA, PROEJA, o docente e discente que os compõe, bem como menciona às políticas públicas e como as mesmas poderiam ser mais presentes na educação destinada ao sujeito jovem e adulto. Sujeito esse que entrou no IFG chance oportuna de retorno à escola e independente da sua trajetória de vida quis resgatar seu direito à educação.

Em síntese, o trabalho reflete acerca dos desafios e possibilidades encontradas pelo público do PROEJA junto ao IFG-Câmpus Formosa e como revela a letra da música "é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre"², pode-se concluir que não foi diferente para os alunos do curso técnico em Manutenção e Suporte de Computadores da primeira turma do PROEJA, que precisaram romper estigmas, e até mesmo preconceitos para iniciar, permanecer e alcançar o grande objetivo de concluir esta etapa do estudos.

²O trecho refere à música de Elis Regina: Maria, Maria. Com composição de M. Nascimento. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=r97zR_X86LM&list=RDr97zR_X86LM#t=164.

1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL E ALGUMAS POLÍTICAS PÚBLICAS

O histórico mais longínquo de ações educativas no Brasil incide por volta de 1549, com o ensino jesuítico voltado à catequese dos nativos, e revela que o mesmo era voltado para a questão da religião, não havendo preocupação com a conquista da formação para o letramento, mas sim, sendo destinado aos costumes e princípios religiosos, não se preocupavam com o desenvolvimento e construção efetiva dos conhecimentos dos sujeitos, se baseavam principalmente na propagação da religião. Segundo Fontes (2013), os Jesuítas trouxeram uma educação baseada na propagação da fé católica, um exemplo de educação voltada principalmente para a religiosidade.

A educação com possibilidade de alfabetização que viesse contemplar a população adulta só foi possível a partir da década de 1940, em que “começaram as primeiras iniciativas governamentais para lidar com o analfabetismo entre adultos” (BRASIL, 2006 apud CERATTI, 2007, p. 2).

A questão do analfabetismo no Brasil significava falta de interesse do sujeito. Por vezes o cidadão era considerado culpado por não saber ler e escrever. Quem estivesse nesta situação seria incapaz de mudar sua condição e precisava de providências para acabar com esse mal que permeava a sociedade. O analfabetismo se constituía “como falta de capacidade ou de vontade de quem o detém, dessa maneira seria necessário para acelerar o crescimento econômico do país, tomar providências relacionadas ao analfabetismo” (CERATTI, 2007, p. 2). A ideologia dominante apostava na defesa de que os analfabetos eram propagadores da pobreza e desigualdades que assolava a sociedade e tornava-se necessário desenvolver ações, programas que viessem contemplar primeiramente a erradicação do analfabetismo.

Houve no Brasil a tentativa de erradicar a condição de analfabeto que assolava a sociedade por meio de algumas propostas, dentre as quais se encontra o método de Paulo Freire, que ensinava o alfabetizando a pensar a linguagem do que se falava, a ser crítico e entender o que se verbalizava e não somente repetir e memorizar frases formadas. Para Freire (1981, p.13),

[...] um processo de busca, de criação, em que os alfabetizandos são desafiados a perceber a significação profunda da linguagem e da palavra. Palavra que, na situação concreta em que se encontram lhes está sendo negada. No fundo, negar a palavra implica em algo mais. Implica em negar o direito de “pronunciar o mundo”.

Em seu método, Paulo Freire (1987) se preocupava em ensinar o sujeito a pensar a realidade que estava inserido, sendo crítico e configurando sua existência. Assim, o educando aprendia a verbalizar sua própria palavra. O sujeito agregava o conhecimento já existente na sua vivência diária, aliada à construção da aprendizagem das palavras, objetivando “preparar esses indivíduos para exercerem seus direitos na busca do conhecimento e da cidadania” (GUIMARÃES; STECHER, 2006, p. 11). Os mesmos aprendiam a expressar-se e a construir seu conhecimento, baseado na sua realidade, buscando e colocando em prática o diálogo.

Constata-se que Freire tinha o intuito de alcançar uma educação fundamentada no diálogo partindo da realidade do educando, da experiência de vida dos mesmos por meio do conhecimento adquirido na trajetória de vida do sujeito, aliando à construção do conhecimento letrado. Freire (1987, p.10) cita que,

[...] alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, atas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura letrada conscientiza a cultura [...]. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição - é a técnica da propaganda massificadora. Aprender a dizer sua palavra é toda a pedagogia [...].

Freire (2001) defende que, o que se ensina aos educandos não deve ser algo separado do seu conhecimento prévio. Os educadores precisam pensar a realidade a qual estão inseridos e não somente os conteúdos envolvidos na prática. Para o referido autor, a compreensão dos educadores envolvidos na educação de jovens e adultos precisa ser modificada, compreendendo que devem permear e favorecer a prática educativa aliada à realidade do educando, pois é preciso valorizar e relacionar os saberes dos sujeitos envolvidos nessa prática, objetivando proporcionar aos mesmos uma construção efetiva do saber. Na visão de Paulo Freire (1996, p.47) “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Com o golpe militar ocorrido em 1964 o método de Paulo Freire, para Pasquetti (2009), passou a ser visto como possibilidade de propagar a revolta, devido a uma população que antes da proposta de Freire não dominava a leitura e a escrita, e que começaram a conhecer seus direitos, passando assim, a ser uma possível ameaça às normas vigentes no país. Na visão de Ribeiro (1997, apud GUIMARÃES; STECHER, 2008, p. 16) com o golpe militar,

[...] os programas de alfabetização e educação popular que haviam multiplicado no período de 1961 e 1964 foram visto como uma grave ameaça à ordem e seus promotores foram duramente reprimidos. O governo só permitiu a realização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores [...].

Com objetivo de ingressar pessoas ao mercado de trabalho e ações alfabetizadoras aceleradas, foi criada uma nova proposta pedagógica o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL, um projeto implementado no período militar que objetivava alfabetizar jovens e adultos desprovidos da oportunidade de estudar em época regular e, assim, integrá-los ao letramento em pouco tempo e de forma aligeirada com preparação para o mercado de trabalho. Para Horiguti (2009, p.19), o “MOBRAL concebia a educação como investimento, como preparação de mão-de-obra para atender às exigências do mercado de trabalho”. Foi constituído no plano legal mediante a criação da,

[...] Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967. Os militares tinham todo o controle do que seria ensinado. Suas ações de alfabetização começaram a ter ênfase no fim de 1970, quando seus projetos foram iniciados em grande escala. Seu objetivo era erradicar o analfabetismo no Brasil num curto espaço de tempo. (BRASIL, 2005, p. 4)

O MOBRAL tinha como principal propósito preparar o sujeito para o treinamento de habilidades, conforme se exigia o mercado de trabalho, partindo de uma proposta que propunha erradicar o analfabetismo, mas em curto espaço de tempo e de forma rápida e assistencialista. Fazendo uma comparação sobre o MOBRAL e o método de Paulo Freire, Horiguti (2009, p.14 - 15) salienta que,

[...] o “método” de Paulo Freire e o MOBRAL são embasadas em concepções pedagógicas antagônicas, pois, notamos que o método freireano é caracterizado pelo diálogo, que ocorre no encontro pedagógico entre professores e alunos, momento este que os coloca em igualdade como sujeitos que atuam construindo e reconstruindo o mundo, através da reflexão conjunta sobre a realidade [...]. Em relação ao MOBRAL, percebemos que seu método não era baseado no diálogo, visto que no encontro pedagógico entre professores e alunos, notamos que não ocorria a problematização acerca da realidade, mas sim a preocupação no treinamento de habilidades, visando a preparação dos alunos para tornarem-se aptos às exigências do mercado de trabalho.

Possibilitar aos sujeitos aprender utilizando a troca de experiências, em busca do conhecimento a partir do que já sabiam era um incentivo maior para esse público, mas com o MOBRAL a realidade da EJA se constitui de outra maneira, o ensino era acelerado e com imposição dos conteúdos.

Com a Lei 5692/71, LDB-Lei de Diretrizes e Base, segundo Pasquetti (2009, p. 8), “implantou o Ensino Supletivo no país, reconhecendo como direito de cidadão a educação de adultos” e com um método diferente do que Freire ensinava o ensino era focado na formação técnica, ou seja, para o mundo do trabalho. Sobre o Ensino Supletivo afirma Soares (2001,

apud CERATTI, 2007, p.4), “Esta modalidade de ensino foi regulamentada tendo as seguintes funções básicas: a suplência, o suprimento, a aprendizagem, a qualificação, mediante a oferta de cursos e exames supletivos”.

O que pode-se notar no decorrer do processo histórico é que com o fim do golpe militar em meados de 1964, muitos projetos e programas foram eliminados da sociedade, e os membros que os compunha foram caçados e até mesmo deportado para outros países (CERATTI, 2007). O MOBREAL visava extinguir com o analfabetismo. Mas, não possibilitava o alunado construir seu sentido crítico, “o MOBREAL se tornou notável pelo esvaziamento do sentido crítico e contextualizador que vinha sendo implantado anteriormente das ações pedagógicas” (CERATTI, 2007, p.4), e também com a queda do militarismo favoreceu-se o abandono do MOBREAL, surgindo à Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos - Fundação Educar, que entre suas principais características estão,

EDUCAR estava dentro das competências do MEC;
 Promovia a execução dos programas de alfabetização por meio do “apoio financeiro e técnico às ações de outros níveis de governo, de organizações não governamentais e de empresas” (Parecer CNE/CEB n.º 11/2000) (grifo do autor); e
 Tinha como especialidade à “educação básica”. (BRASIL, 2005, p. 6)

A perspectiva da Fundação Educar é que a mesma “passou a apoiar financeiramente e tecnicamente os programas voltados para a educação de jovens e adultos” (PASQUETTI, 2009, p. 8), e, por meio do apoio financeiro aos programas de alfabetização, deu-se início à execução de propostas junto à educação básica. O autor afirma, ainda que “quando foi promulgada a nova Constituição de (1988) o ensino de jovens e adultos ficou a cargo do Estado que tornou o ensino fundamental obrigatório e gratuito” (PASQUETTI, 2009, p. 8). Assim, jovens e adultos passariam a ter garantido por lei o direito a alfabetização escolar, uma responsabilidade que cabia ao Estado (BRASIL, 1998).

Para se organizar, firmar compromisso e fundamentar metas para Educação de Jovens e Adultos houve a necessidade de se inserir a questão no plano das políticas públicas que “[...] não surgem como remédio para todos os males, mas como conquista que se impõe como resultado de uma realidade vergonhosa diante da sociedade contemporânea e do mundo globalizado”(CERATTI, 2007, p.19), de modo que a educação e estes elementos fundamentais fossem vistos como direito e não apenas concessões. Então programas, ações, projetos foram desenvolvidos pelo governo visando, possibilitar aos cidadãos oportunidades referentes à educação que lhes era de direito. Sendo assim, a questão passa a ser regulamentada pela LDB de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº

9394/96). Na visão de Scuarcialupi (2011, p.1) “é a lei orgânica e geral da educação brasileira. Como o próprio nome diz, dita as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional”. Assim, na LDB sobre a Educação dos Jovens e Adultos, afirma que:

Os sistemas de ensino assegurarão, gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Com a LDB, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser uma modalidade de ensino da educação básica. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais foram criadas para fazer cumprir a LDB, que segundo Ceratti (2007, p.11) “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA nasceu para fazer cumprir a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que contempla a Educação de Jovens e Adultos, considerando a educação com direito social à cidadania”. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA está explicitado, na Resolução nº 4 de 2010, Seção I do capítulo II que “Cabe aos sistemas educativos viabilizar a oferta de cursos gratuitos aos jovens e adultos [...]” (BRASIL, 2010).

As propostas criadas objetivava reforçar as possibilidades de alfabetização, pretendia-se assim, minimizar os índices de analfabetismo que permeava a sociedade. Entretanto as políticas educacionais mais importantes para a EJA ocorreram segundo Ceratti (2007) com a Constituição Federal de 1988 que assegurou o direito de Educação para todos (BRASIL, 1998) “Art. 208 O dever do Estado com a educação seria efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso em idade própria”.

A educação dos jovens e adultos começou a ser uma garantia e dever do Estado, o que na concepção de Arroyo (2006, p.26) “A EJA somente será outra do que foi e ainda é se for assumida como política pública se for equacionada no campo dos direitos e deveres públicos”.

Sendo este um dever do Estado, os sujeitos da EJA passaram a ter garantido por lei o direito a educação. Assim, metas e objetivos foram formulados focando a redução do analfabetismo. Assim, para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura-UNESCO (1990, apud CERATTI, 2007, p.6),

Dentre os seus objetivos e metas citamos o de “satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Indica ainda o “Acesso universal e conclusão da educação fundamental (ou qualquer nível mais elevado de educação considerado “básico”) até o ano 2000.

A UNESCO firmou acordos e compromissos com o governo brasileiro objetivando alcançar êxito na aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Entretanto para (CERATTI, 2007, p.70) em relação aos direitos educacionais “[...] na prática têm-se verificado o descumprimento desses acordos”. Uma das metas do acordo objetivava reduzir a taxa de analfabetismo da educação de jovens e adultos e ampliação do ensino fundamental, entretanto, “o governo brasileiro reconhece que não cumpriu a meta estabelecida [...]” (CERATTI, 2007, p.7), pois foram desenvolvidos um número maior de projetos destinados à educação das crianças e adolescentes, em contrapartida à educação destinada a EJA quase desapareceu na esfera das políticas públicas (CERATTI, 2007), os projetos desenvolvidos foram destinados para outras áreas do ensino e a educação dos jovens e adultos acabou não ganhando respaldo das políticas públicas sendo deixadas para segundo plano.

Essa realidade de descaso com a Educação dos Jovens e Adultos começou a mudar em meados dos anos 90, quando, segundo Pasquetti (2009), a educação dos jovens e adultos passou a ser aceita como importante para seu público alvo, passando novamente a adotar o método de Freire e com o respaldo da UNESCO a EJA passou a ser reconhecida no país.

Outro programa do governo foi o PAS-Programa Alfabetização Solidária, deu-se continuidade as várias ações, com o intuito de extinguir o analfabetismo, dentre os objetivos do PAS estava, “A inserção das pessoas não alfabetizadas na Educação de Jovens e Adultos e a continuidade dos estudos [...]” (BRASIL, 2005, p. 6), o programa mostrou-se uma possibilidade de acesso à alfabetização e na visão de Orquiz (2004, p.3) o PAS “[...] se destina a jovens e adultos que não possuem uma educação escolarizada”.

Em meados de 2003, surge o Programa Brasil Alfabetizado - PBA com principal objetivo além de alcançar a erradicação do analfabetismo, possibilitar que as pessoas antes excluídas do processo de ensino, fossem alfabetizadas e inclusas socialmente, “o objetivo do programa não é só a alfabetização como também a inclusão social de pessoas analfabetas” (BRASIL, 2005, p.7). Os sujeitos passaram a ter contato com outras áreas do conhecimento e “a Educação de Jovens e Adultos passou a ser prioridade no governo federal” (PASQUETTI, 2009, p. 9). O Programa Brasil Alfabetizado, que propunha atingir uma ampla população de analfabetos, era destinado também,

[...] a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2003).

Logo após, foi criado o Programa Nacional de Inclusão de Jovens-PROJOVEM, que buscava atender jovens e adultos que não tivessem concluído o ensino fundamental e na proposta inicial os jovens que fariam parte do programa seriam de 18 a 24 anos, onde os mesmos teriam uma bolsa mensal que contribuiria com as despesas do aluno durante o tempo de permanência no Programa até a conclusão da 8ª série. Seus destinatários:

[...] são jovens de 18 a 24 anos que terminaram a quarta, mas não concluíram a oitava série do ensino fundamental e não têm vínculos formais de trabalho. Aos participantes, o Projovem oferecerá oportunidades de elevação da escolaridade; de qualificação profissional, e de realização de ações comunitárias [...]. Oferece curso de formação integral, por um período de 12 meses. Aos alunos devidamente matriculados, será concedido um auxílio financeiro mensal, no valor de R\$100,00. (BRASIL, 2006, p.3)

O programa acima aludido, mesmo com a proposta de elevação da escolaridade e com o benefício do auxílio financeiro, se constitui a partir da noção do "aligeiramento" na formação, apresentando-se como um meio rápido e sem qualidade de aprendizagem, destinada a sujeitos que estavam na perspectiva de uma construção do conhecimento escolar eficaz.

O que se verifica no decorrer do percurso histórico da Educação dos Jovens e Adultos no Brasil é que os próprios alunos da EJA trazem em suas origens, vasta trajetória de lutas marcadas pela busca do direito efetivo às oportunidades educacionais, sendo uma batalha de dicotomia histórica contra o analfabetismo e a favor da alfabetização. Pode-se perceber que a educação de jovens e adultos de acordo com Soares (2001, apud CERATTI, 2007, p. 1) “se insere nesse contexto: em meio à sua desvalorização e à indiferença, convivemos com numerosas iniciativas e consolidação de propostas em seu âmbito”, iniciativas individuais e movimentos sociais que procuravam contribuir com a educação de jovens e adultos.

Fez-se necessário criar movimentos, campanhas que contribuíssem com a erradicação do analfabetismo, como refere Thueles B. Strelhow (2010),

O fim da década de 50 e início da década de 60 foi marcada por uma grande mobilização social em torno da educação de adultos. Podemos citar vários movimentos sociais criados nesse período, tais como: “Movimento de Educação de Base” (1961-CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal) [...]. Há um grande empenho de grupos intelectuais, organizações de esquerda, entidades estudantis e algumas entidades ligadas às igrejas para a mobilização e organização de trabalhadores dos setores urbanos e agrícolas para uma maior participação política. Nesse sentido, o engajamento dos setores sociais na luta por seus direitos e na política, é importante, porque surge nesses grupos a educação de base voltada para a educação de adultos, como uma tática de atuação política (p.6).

Esses movimentos procuravam alcançar o direito do cidadão adulto à educação formal. A EJA passou por diversas trajetórias de lutas até ser compreendida como modalidade de ensino e alcançar o reconhecimento, sendo aceita na sociedade como processo necessário a ampliação do conhecimento e aprendizagem do seu público alvo, o discente jovem ou adulto. Sujeitos esses dotados de direitos, não só a alfabetização, mas também a continuidade dos estudos voltados à educação de qualidade.

E para que tais sujeitos/alunos viessem ter acesso ao prosseguimento dos estudos vinculado à educação profissional foram implantados vários Câmpus do Instituto Federal nos últimos anos, várias cidades foram contempladas, dentre elas a cidade de Formosa-GO.

A população formosense em sua história de existência nunca teve na localidade um Instituto Federal, contudo em 2010 foi consolidada a implantação do IFG-Câmpus Formosa. E entre os vários cursos ofertados pela instituição, encontra-se o curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática Integrado ao Ensino Médio destinado ao PROEJA, com duração de três anos e meio, em que o mesmo possibilita a seu público alvo o jovem e adulto, ampliar seu aprendizado com qualificação profissional, objetivando,

[...] a formação de um trabalhador-cidadão, consciente da sua unicidade enquanto sujeito potencialmente transformador da sua realidade de origem (excluído), da sua capacidade de pensamento autônomo, independente e crítico e da sua condição ontológica de ser coletivo e solidário. (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS, 2014).

O histórico de lutas que possibilitou que a educação destinada aos jovens e adultos fosse reconhecida como modalidade de ensino, atualmente está também integrada à educação profissional, inicia-se uma nova abordagem favorecendo o público da EJA.

1.1 PROGRAMA NACIONAL DE INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COM A EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS - PROEJA

Ter acesso à educação básica tornou-se um direito constitucional garantido por lei aos jovens e adultos. Entretanto, mostrou-se “fundamental que uma política pública estável voltada para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização [...]” (BRASIL, 2007, p.11). Política Pública segundo Duarte (2000, apud ORQUIZ, 2004, p. 8) são “medidas voltadas para a produção econômica e social dos indivíduos ou da coletividade [...]”. Com a concretização dessas medidas, os sujeitos da EJA podem concluir a educação básica integrada à educação profissional por meio do PROEJA-Programa Nacional de

Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A partir da conquista da EJA enquanto uma modalidade de ensino, as pessoas que não tiveram acesso ao ambiente escolar em idade regular tornam-se respaldadas quanto ao seu itinerário educacional, pois podem proceder à continuidade dos estudos com a formação profissional. Assegura-se, assim, o direito e as possibilidades de ampliação da aprendizagem e construção dos saberes, “no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade” (BRASIL, 2007, p.11).

Assim, adquirir uma formação com qualidade e ampliação do processo educacional, torna-se um respaldo na vida pessoal e no exercício da cidadania em sociedade. O público de jovens e adultos alcança uma conquista, pois, por décadas, a EJA foi marcada por lutas historicamente vivenciadas por esses sujeitos que estão conquistando o direito de ter acesso à escola e tornando possível expandir seu horizonte formativo por meio dos programas que foram surgindo no decorrer dos anos, “Percebe-se que a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade” (MORAN, MASETTO E BEHRENS, 2006, p.11).

Há, portanto, a compreensão um tanto generalizada de que investir em educação é beneficiar a sociedade e aos indivíduos como cidadãos, visto que a “experiência histórica tem demonstrado que não há desenvolvimento econômico se não acompanhado de desenvolvimento social e cultural” (BRASIL, 2007, p. 31). Conforme o que é apresentado junto ao Documento Base do PROEJA, a educação é vista como “[...] o processo de criação, produção, socialização e reapropriação da cultura e do conhecimento produzidos pela humanidade por meio de seu trabalho” (BRASIL, 2007, p.31). Assim sendo, foi criado o PROEJA:

[...] através do Decreto 5.478 de 24 de junho de 2005, chamado Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos, implantado na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, sendo que algumas destas instituições federais já praticavam ações no âmbito de educação profissional de jovens e adultos.

Sentindo-se a necessidade de maior abrangência do Programa, o decreto 5.840 de 13 de Julho de 2006 revogou a anterior, passando a denominar-se PROEJA como Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de jovens e Adultos, e possibilitando que fosse adotado também em instituições de ensino estaduais e municipais, assim como em entidades nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional (instituições do sistema “S”- SESI, SESC, SENAI, SEMAC [...]) (HORIGUTI, 2009, p.15).

Por meio do programa acima aludido, o discente da EJA ingressa no ambiente escolar e tem a oportunidade de concluir a formação básica e profissional-tecnológica, possibilitando a ampliação do seu itinerário formativo. Abrange, portanto, a “universalização da educação básica, aliada à formação para o mundo do trabalho, com acolhimento específico a jovens e adultos, com trajetórias escolares descontínuas” (BRASIL, 2007). Essa proposta parte do suposto de que é preciso ampliar o horizonte de formação deste público, de modo que possa “atender às demandas do mercado de trabalho, mas também almejando uma formação dos alunos para a cidadania”(HORIGUTI, 2009, p.16), como também o desenvolvimento escolar aliado à formação profissional de qualidade. Como afirma o Documento Base do PROEJA (2007, p.11),

É, portanto, fundamental que uma política pública estável voltada para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma formação profissional de qualidade.

Nesse sentido, ter acesso à escolarização e formação profissional mostra-se de muita importância, pois possibilita o sujeito à construção de uma formação social e profissional que:

[...] permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele (BRASIL, 2007, p.13).

Possibilitando também a integração social do sujeito, contribuindo para a formação humana e intelectual do mesmo, pois “[...] a formação humana, cidadã, precede a qualificação para a laboralidade e pauta-se no compromisso de assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se em desenvolvimento” (PACHECO, 2010, p.15). Por meio do pensar, agir, questionar o mundo e dessa forma, ensinar e aprender por meio de sua participação efetiva e autônoma na sociedade, no ambiente escolar e fora dele.

Como é mencionado nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PNC- (BRASIL, 2008, p.37) “a formação da cidadania se faz, antes de mais nada, pelo seu exercício: aprende-se a participar, participando. E a escola será um lugar possível para essa aprendizagem se promover [...]”. Por meio do ingresso no ambiente escolar o sujeito jovem e adulto pode aprender que,

Pensar não é transmitir nem consumir pensamentos ou conhecimentos, mas assumir a conversa, o diálogo, com as ideias e os textos; aceitar o convite que fazem ao cultivo da reflexão, do pensamento. É assumir o risco de se equivocar, a possibilidade concreta do erro, abrir caminhos para a compreensão e a superação da realidade existente (GUIMARÃES, 2006, p. 56).

Assumir a reflexão, compreender que há múltiplos conhecimentos a serem descobertos e construídos, ampliando assim, as possibilidades de vislumbrar e expandir o conhecimento com qualificação, uma realidade antes distante de tantos jovens e adultos. Assim, salienta Coêlho (2008, p.5):

[...] se estes participam efetivamente desses atos de criação e nos vários contextos da formação, interrogam, buscam sentido, contestam e pensam o que lêem, ouvem, escrevem e fazem, podemos dizer: estamos inventando, fazendo verdadeiramente a escola, a universidade, a formação humana. Enfim, é assim que se ensina e se aprende a pensar, se cultiva o pensamento, a imaginação e a sensibilidade, se forma seres racionais, autônomos e livres, trabalhadores para exercerem os ofícios, trabalharem em qualquer nível, em condições de pensar, criar, inventar, agir verdadeiramente.

Sujeitos que poderão ser críticos diante da realidade que os rodeia, diante do trabalho e da sociedade, mas para isto faz-se necessário “[...] avançarmos em uma perspectiva emancipatória, democrática de formação do homem omnilateral, crítico, capaz de agir no mundo e transformá-lo em favor de uma sociedade justa, humana e solidária” (CIAVATTA; FRIGOTTO; RAMOS, 2005, apud CASTRO; VITORETTE, 2010, p.50). E para galgar essa formação, faz-se necessário um ambiente favorável para este fim, ambiente este que possibilite a formação e favoreça “a integração social do educando, o que compreende o mundo do trabalho sem resumir-se a ele, assim como compreende a continuidade de estudos” (BRASIL, 2007, p. 32). Um espaço educacional que venha objetivar e alcançar a meta de proporcionar a “formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações políticas, econômicas e sociais imprescindíveis para a construção de um outro mundo possível” (PACHECO, 2010, p.24).

Constata-se, portanto, a importância de ambientes educacionais eficazes que venham respaldar e contribuir com a inserção e formação de sujeitos autônomos, críticos, aptos a interrogar-se no mundo com direito de verbalizar o que pensam e aprender o que ainda não sabem.

Lugar esse que desenvolva condições e possibilidades voltadas para a inserção do aluno em sociedade, ampliando as oportunidades referentes à busca do saber, é algo que se faz relevante no processo educacional, mas para que isso venha acontecer, faz-se necessário um ambiente que permita e conduza o mesmo a ampliar suas capacidades e desenvolver suas

potencialidades. Sobre isso afirmam, Sues, Bezerra e Sobrinho (2013, p.3) “A educação, além de profissionais capacitados, necessita de um local receptivo aos discentes para desenvolver no educando suas potencialidades enquanto sujeito ativo do processo educacional”.

Ambiente educativo que qualifique o sujeito para uma educação profissional, não só para o trabalho, mas que venha “proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas, com suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas” (BRASIL, 2007, p. 45). Que favoreça a formação do sujeito, atuante nas conquistas e escolhas que vier a fazer, sendo assim, respaldado em seu desenvolvimento pessoal, estudantil e profissional buscando a autonomia, abandonando a condição alienante que por vezes a sociedade impõe. Como especificam Castro, Machado e Alves (2010, p.25), com “perspectivas de construção de uma educação cujo sentido está assentado na noção de omnilateralidade e na busca pela emancipação humana”. Como reflexo dessa necessidade, foi de essencial importância objetivar a continuidade e permanência escolar do discente de forma que contribuísse para a profissionalização dos sujeitos aliada a uma educação e formação profissional de qualidade (BRASIL, 2007).

Os vários programas e ações educativas empreendidas ao longo da história foram fundamentais para que o ensino destinado aos jovens e adultos tivesse identidade própria e contemplasse as peculiaridades do seu público alvo, efetivando o direito desses sujeitos à busca pela autonomia educacional, pessoal e profissional com qualificação, visando o desenvolvimento das potencialidades do sujeito/aluno como protagonista de sua história.

2 SUJEITOS DA EJA E AS TRAJETÓRIAS DOS SUJEITOS DO PROEJA-IFG CÂMPUS FORMOSA-GO

Os sujeitos inseridos na EJA, por vezes eram vistos sem possibilidades de melhoria para o futuro devido à idade, e assim não eram aceitos como geradores de progresso econômico e social, sendo por vezes vistos com preconceitos pela sociedade. Em sua maioria esses alunos são,

[...] jovens que, por uma série de motivos, precisam abandonar a escola: vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um “incansável” número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como próprio para vida escolar (de 7 a 14 anos), (ANDRADE, 2004 apud SABINO; FERREIRA, s/d, p.3).

Estes cidadãos, quando na infância, não puderam consolidar na prática a educação formal, com elevação da escolaridade e profissionalização. Entretanto, quando adultos, procuraram resgatar o seu direito à educação e por meio da escola.

2.1 A INSERÇÃO DOS SUJEITOS DA EJA NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O CASO DO IFG - CÂMPUS FORMOSA

O ensino profissionalizante na Rede Federal de Educação Profissional teve início em 1909, com o então presidente Nilo Peçanha que “instaurou uma rede de 19 Escolas de Aprendizizes Artífices, dando origem à rede federal que culminou nas Escolas técnicas e, posteriormente, nos CEFETs” (MANFREDI, 2002 apud OTRANTO, 2010). E em “29 de dezembro de 2008, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 11.892/08, que criou 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET)” (OTRANTO, 2010).

Devido sua grande amplitude oportunizando educação profissional, atualmente os Institutos Federais de Educação com abrangente impacto em número chegando à “composição atual de 354 unidades, às quais serão acrescentadas outras 208 unidades no período de 2011-2014” (MEC, 2012, p.12) em nível territorial brasileiro.

O Instituto Federal de Goiás, antigo Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás-CEFET-GO em sua trajetória de mais de 100 anos proporcionando educação profissional

umenta suas ofertas, haja vista seu potencial de experiência na educação profissionalizante e tecnológica, como afirma a Coordenação-Geral de Comunicação Social/Reitoria do IFG,

O IFG é uma instituição de ensino com mais de cem anos de experiência na educação profissional. Ao longo de sua história, mudou de nome e ampliou sua área de atuação. De Escola de Aprendizes Artífices, na época de sua criação, em 1909, chegou à Escola Técnica Federal de Goiás e, depois, a Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Cefet) (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS. s/d).

Objetivando a formação de sujeitos que busquem educação profissional, tecnológica e ampliação de suas potencialidades, ampliou-se o número de vagas aos que desejam expandir seu aprendizado e horizonte formativo, por meio de vários cursos oferecidos na instituição. Os Institutos Federais, por meio dos cursos oferecidos contribuem na formação e qualificação dos jovens e adultos não apenas para mundo do trabalho, mas para a vida em sociedade, ampliando sua possibilidade de transformar e refletir a realidade que o cerca, contribuindo para possíveis conquistas futuras na vida estudantil, pessoal e profissional, visto que nos Institutos Federais “[...] a formação humana, cidadã, precede a qualificação para a laboralidade e pauta-se no compromisso de assegurar aos profissionais formados a capacidade de manter-se em desenvolvimento” (PACHECO, 2010, p.15).

Atualmente, com sua grande expansão, estende a oportunidade na modalidade PROEJA aos jovens e adultos trabalhadores, contemplando a formação inicial e continuada (PACHECO, 2010) como dispõe sobre os objetivos dos Institutos Federais, segundo a Lei 11.892 de 29/12/2008 nos incisos I e II do art. 7º (BRASIL, 2009, p.41):

- I - ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos;
- II - ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais, em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

Com os cursos de formação profissional é possível ampliar a área de formação e também proporcionar continuidade nos estudos dos discentes, por meio de vários cursos ofertados pelo IFG. Várias são as cidades contempladas pela expansão dos institutos federais e muitos cursos técnicos foram implantados ou estão em implantação, entre eles estão os destinados aos jovens e adultos. Como pode-se observar no quadro abaixo:

Quadro 01- Cursos destinados ao público do PROEJA em funcionamento ou em implantação no IFG-GO 2013.

Câmpus	Cursos	Situação
Anápolis	Téc. em Transporte de Cargas / Secretaria escolar.	Funcionando
Aparecida de Goiânia	Téc. em Panificação /Modelagem de Vestuário.	Funcionando
Cidade de Goiás	Conservação e Restauro.	Funcionando
Formosa	Manutenção de Suporte em Informática /Téc. em Edificações.	Funcionando
Goiânia	Téc. em Cozinha/ Téc. em Informática /Téc. Integrado em Transporte Rodoviário.	Funcionando
Inhumas	Manutenção e Suporte em Informática / Téc. em Panificação.	Em implantação
Itumbiara	Téc. Agroindústria.	Funcionando
Jataí	Téc. em Edificações/ Téc. em Secretariado	Funcionando
Luziânia	Téc. em Manutenção e Suporte em Informática.	Funcionando
Uruaçu	Téc. em Manutenção e Suporte em Informática/Téc. Comércio.	Funcionando

Fonte: www.ifg.edu.br/2013 (Elaboração própria).

Com a ampliação dos cursos técnicos por meio dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, os discentes que desejavam recomeçar ou continuar os estudos expandindo-os consolida o direito à educação e a oportunidade de intensificar a busca pelo saber, pois para o sujeito que se absteve, por vários motivos, da oportunidade de estar em um ambiente que proporcionasse a oportunidade de educação e profissionalização, seria possível interagir com outras pessoas com o mesmo objetivo, através dos Institutos Federais de Educação.

A construção do conhecimento e o desenvolvimento do sujeito que o busca são conquistados e aprendidos por meio do processo de interação com o meio que se vive, através do convívio interpessoal. Entretanto, para que ambos se efetivem faz-se necessário que o sujeito sinta-se motivado em ir ao encontro do que o incentiva, o que para Moram; Masetto;

Behrens (2006, p. 25) ocorre que por meio da interação, “entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, revelamo-nos e ampliamos a percepção externa”. Captar as informações e torná-las favoráveis à construção do conhecimento, ampliando as oportunidades que surgem, aumentando a interação com outros sujeitos e ambientes variados, e por fim, revelando o pensamento, a fala e assim, utilizar criticamente o poder da palavra e torná-la efetiva na construção dos saberes. Como afirma Freire (1987, p.7), “na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra”. A esse respeito ainda salienta Freire (1987):

Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. (p.7)

Nesse sentido, possibilitar que a educação seja baseada na palavra, por meio do diálogo, contribui para um ambiente educativo que favoreça a participação dos sujeitos envolvidos na ampliação e construção do conhecimento, com abrangência científica e tecnológica, além do desenvolvimento de suas habilidades pessoais, profissionais e sociais, auxiliando alunos, jovens e adultos na edificação de seu projeto de vida, como menciona Moram; Masetto; Behrens (2006),

[...] ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e torna-se cidadãos realizados e produtivos (p.13).

Pensando esses sujeitos/alunos, que são cidadãos em busca de oportunidades educacionais e profissionais o IFG-Câmpus Formosa oferta-se o PROEJA, que surge na sociedade como uma possibilidade de inclusão dos trabalhadores na escola e assim amplia-se o acesso à formação humana e profissional, maximizando os saberes científico e tecnológico. Como enfatiza - se no Documento Base do PROEJA (BRASIL, 2007, p.13),

[...] o que se pretende é a formação humana, no seu sentido *lato*, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa.

Portanto, objetivando a construção efetiva do conhecimento aos discentes, como também a formação para a vida por meio da qualificação profissional, entre os cursos ofertados pelo IFG-Câmpus Formosa apresenta-se o Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, destinado ao público jovem e adulto.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos-PROEJA, antes denominado Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, foi revogado, visto que muitos sujeitos eram excluídos do processo, pois era destinado somente ao nível médio, então, foi proposto a ampliação do programa de forma que abrangesse a educação básica, incluindo assim, o ensino fundamental no programa em que as redes municipais, estaduais e privadas poderiam ofertar o ensino destinado aos jovens e adultos. Como consta no Documento Base do PROEJA:

Originário do Decreto nº 5.478, de 24/06/2005, e denominado como Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, o PROEJA expôs a decisão governamental de atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação, profissional técnica de nível médio, da qual, em geral, são excluídos, bem como, em muitas situações, do próprio ensino médio. [...] a revogação do Decreto nº 5.478/2005, pela promulgação do Decreto nº 5.840, de 13 de junho de 2006, trouxe diversas mudanças para o programa, entre elas, a ampliação da abrangência, no que concerne ao nível de ensino, pela inclusão do ensino fundamental, e, em relação à origem das instituições que podem ser proponentes, pela admissão dos sistemas de ensino estaduais e municipais e entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional, passando a denominação para Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. (BRASIL, 2007, p.12).

Portanto, com a ampliação e mudanças ocorridas no programa, favoreceu aos jovens e adultos no que diz respeito à educação no contexto escolar, formação profissional e continuidade para estudos futuros. Na visão de Castro, Machado e Alves (2010, p.28) o PROEJA “[...] aproxima-se também do ensino-médio, considerando este uma etapa construtora da formação cidadã e de recursos para progredir no trabalho e em outras etapas de escolarização”. Conhecer o percurso histórico em que jovens e adultos com trajetórias escolares interrompidas, saíram de uma realidade de direitos negados e sem oportunidades de alfabetização e passaram a conhecer o significado das palavras, desfrutando o direito educacional e ampliação dos saberes, com formação profissional voltada para a formação humana e social por meio do PROEJA, mostra-se uma conquista.

2.2 PERFIL DOS DISCENTES DO PROEJA-IFG CÂMPUS FORMOSA-GO

Os alunos que fazem parte da primeira turma do PROEJA são na grande maioria composta por discentes do gênero feminino que já são mães e devido às várias responsabilidades precisam trabalhar o dia inteiro e à noite se deslocam ao IFG em busca de alcançar a realização de seu objetivo, a conclusão desta etapa dos estudos.

A turma também é composta por um discente do gênero masculino, que é o responsável por sua família e igualmente precisa trabalhar o período diurno e estudar no noturno, pois só assim é possível continuar no persistir na construção do conhecimento e percurso escolar.

A maioria dos discentes da primeira turma do PROEJA morava na zona rural quando criança e não teve acesso à escola na idade apropriada, devido a distância de casa ou por instabilidade familiar.

De um total de sete alunas do PROEJA, seis possuem filhos, nem todas com o pai das crianças apoiando na educação e responsabilidade diária, o que intensifica ainda mais a carga de responsabilidade dessas alunas, que precisavam trabalhar o dia todo, executando trabalho doméstico, eram as únicas provedoras do lar e não tinham com quem deixar seus filhos para estudar. Algumas dessas mães, por vezes precisaram deixar seus filhos sozinhos em casa, pois não tinha quem se responsabilizasse pelas crianças, pois, não estavam mais em idade de ficar na creche. As discentes que casadas nem todos os parceiros as respaldavam nos estudos, o que também acabou sendo um ponto negativo para retornar ao ambiente estudantil, sendo estes fatores preponderantes para as discentes terem ficado afastadas da escola por mais de uma década da escola.

Alguns alunos do PROEJA iniciaram a vida escolar aos nove anos de idade e na adolescência evadiram da escola. Entretanto, tentaram o retorno até mais de uma vez, mas sem sucesso, não permaneceram.

Sabe-se que o coletivo de alunos que abandonam o processo escolar é bastante expressivo, alunos esses que por vezes não alcançaram êxito no contexto educacional, por que moram longe da escola, ou estudam distante do local de trabalho, às vezes devido ao insucesso na aprendizagem dos conteúdos, “[...] no desafio de vencer estigmas e preconceitos pelos estudos interrompidos e a idade de retorno” (BRASIL, 2007, p. 36), ou por motivos diversos não conseguem aliar estudos, trabalho, vida familiar e acabam desanimando, afastando-se do ambiente escolar e quando retornam à escola estão acima da faixa etária prevista por lei.

Muitos desses sujeitos, devido à ausência de oportunidades escolares e múltiplas responsabilidades pessoais, acabaram desistindo da escola, não encontraram respaldo para permanecerem, mas com a ampliação dos Institutos Federais nos últimos anos a situação começou a ser diferente e estes jovens puderam retornar ao ambiente escolar e elevar a aprendizagem com qualificação profissional.

Esses jovens e adultos que deixaram de frequentar o ambiente escolar ainda muito cedo, fazem parte do grande número de sujeitos que retornam ao ambiente escolar após a ampliação dos institutos federais; e assumem o direito de expandir o conhecimento, por meio da escolaridade, bem como, maximizar as expectativas de um futuro melhor. Para Moura (2007, p.7) “esse adulto é oriundo de um público que ficou muito tempo sonhando com o momento de retornar à escola, alimentando o desejo e expectativas em concluir algo que teve início na infância ou nem chegou a começar por falta de oportunidades”. Este sujeito/aluno retorna à instituição escolar repleto de expectativas e planos para um futuro possível de realizações concretas, como exemplo o desenvolvimento da autonomia vinculada ao prosseguimento nos estudos, o que antes de reiniciá-los era apenas uma reflexão sem a ação.

Mas, por vezes esse sujeito/aluno precisa de incentivo para recomeçar e a questão da motivação é algo que deve ser trabalhado nos currículos e articulado à educação de adultos. A Educação Profissional articulada com a Educação Básica deve ser algo que venha promover a “Motivação e a orientação permanente dos alunos, visando à maior participação nas aulas, melhor aproveitamento e desempenho” (BRASIL, 2010, p.10).

Motivação essa que para os discentes do PROEJA, seria de suma importância, pois, no início do curso tudo era desconhecido e aos poucos a sala que parecia cheia ficava vazia, muitos que faziam parte da turma, agora não estavam mais presentes e os que continuaram precisaram encontrar motivação para permanecerem e prosseguirem rumo à meta traçada. É preciso um motivo, algo que favoreça a busca de novos horizontes na trajetória da vida, ir ao encontro de novas oportunidades, focadas seja na vida profissional, estudantil ou de questão pessoal. Motivação para permanecer na escola e fazer valer o direito que foi negado na infância, os estudos, a busca pela autonomia.

Para os alunos do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, pensar a realidade do momento presente, passado e os objetivos a serem conquistados é um motivo a mais para querer alcançá-los, procurando mudar uma realidade indesejada, sem muitas perspectivas, favorecendo aos mesmos concluírem essa etapa dos estudos.

Motivação-ação que advém da reflexão autônoma da necessidade de mudar, aperfeiçoar o conhecimento, ampliar os saberes e alcançar o antes não alcançado, a

continuidade dos estudos, a meta traçada, ser exemplo aos filhos, realizar o sonho de suas mães que tanto almejavam ver um filho (a) formado (a), alcançar a autonomia estudantil, profissional, acessão social, enfim desenvolver o conhecimento que ontem foi novo, mas que hoje pode ser velho e assim amplia-lo e renova-lo, como salienta Freire (2002, apud SILVA 2007, p.11).

[...] Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se 'dispõe' a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente, quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Conhecimento que se inicia e revigora a cada dia, por meio dos “sujeitos-homem-alunos” com objetivos e determinação para prosseguir o caminho, na efetiva busca em prol da aprendizagem. E para compreender este sujeito/educando faz-se fundamental “[...] conhecer esses sujeitos; ouvir e considerar suas histórias e seus saberes bem como suas condições concretas de existência” (BRASIL, 2007, p.43). Neste sentido, torna-se relevante dialogar com os discentes do PROEJA, conhecer suas trajetórias de vida, o que pensam. Sujeitos que por meio desta pesquisa, revelaram os fatores que os motivou a permanecerem no IFG, maximizando a certeza de continuar os estudos e assim ser um diferencial para permanecerem durante o curso na referida instituição de ensino.

Para o alcance do objetivo proposto, fez-se necessário conhecer o público alvo a quem esse trabalho é direcionado, suas trajetórias de vida, seus sonhos, suas falas. E com este horizonte que se procedeu o processo de entrevistas com os discentes, de modo que fosse elucidado como foi possível a permanência dos mesmos durante o percurso no IFG-Câmpus Formosa.

Pode-se ressaltar que os dados coletados indicam que a maioria dos alunos da turma de egressos do PROEJA é composta por grande número de alunos do gênero feminino. E em relação à idade dos alunos, constata-se que variam entre 29-34 anos. Com exceção de uma aluna os demais possuem vínculo empregatício. Dentre eles, pode-se citar: emprego doméstico, construção civil, comerciante, estagiário. O que valida à ideia que mesmo dedicando a trabalhos externos ao ambiente escolar, os alunos egressos do PROEJA não desistiram de seu objetivo, ou seja, concluir o curso.

Constata-se que os sujeitos que deixaram de frequentar o ambiente escolar, “são pessoas que por motivos pessoais, escolares, sociais, econômicos ou culturais deixaram a escola regular no tempo em que deveriam estar estudando. [...] com faixa etária está entre 18 e

60 anos” (FONSECA; OLIVEIRA; SANTANA, 2010, p.124) contudo, quando retornam trazem consigo o anseio e a determinação de concluir os estudos, ou seja, para ampliar sua formação profissional, ampliação do conhecimento, consolidação das habilidades e objetivos pessoais e almejam resgatar o tempo perdido como enfatiza Maria Moura (2007):

[...] milhões de pessoas jovens e adultos que não frequentaram a escola por falta de oportunidades, ou tiveram que abandona-la para trabalhar a fim se garantir sua subsistência e de sua família e, posteriormente na vida adulta retornam aos bancos escolares na tentativa de resgatar o tempo perdido e exercer de fato e de direito sua cidadania (p.56).

Essa foi à realidade de inúmeros sujeitos, que retornam aos bancos escolares com perspectivas de melhores condições na área profissional, pessoal e estudantil. Procurando exercerem de fato o direito que lhes cabe, a educação.

Foram utilizados nomes fictícios ao demonstrar as falas dos discentes do PROEJA, procurando assim, preservar os mesmos. Leide: “Parei de estudar várias vezes e sai de casa, aos 14 anos já para morar junto com meu marido, e depois voltei para a escola duas vezes e desisti e agora 14 anos depois voltei [...]”.

Antônia: “[...] Essa vontade de compensar o tempo perdido, correr atrás do tempo perdido, dedicar a conseguir um emprego, pensando nos filhos”.

Aluna em seu relato durante a entrevista deixa claro sua intenção de resgate do tempo, intenção de conseguir um trabalho.

Atualmente na sociedade moderna, cada vez mais as exigências no campo profissional são evidenciadas. Constata-se que, no decorrer dos anos, intensifica-se o número de candidatos à vaga de emprego, seja ele público ou privado. O sujeito vive do seu trabalho, necessitando do mesmo para sobreviver em sociedade. E o fator profissional é um dos motivos que favorece a referida discente, sentir-se motivada a persistir nos objetivos, qualificar-se para ingressar no mercado de trabalho e progredir na vida acadêmica e futuramente cursar uma faculdade. Como cita Moura (2007, p.07),

[...] dentro deste contexto, a possibilidade de obter um certificado, que facilite sua entrada no mercado de trabalho e inserção na sociedade letrada com direito a exercer conscientemente sua cidadania, se constitui em um instrumento motivador para os jovens, descobrindo por meio deste, outros atrativos para retornar à escola.

Retornar à vida escolar após anos afastado da mesma é uma oportunidade que o próprio sujeito se proporciona, mesmo não sendo garantia de inserção no mercado de

trabalho, mas a chance de novas possibilidades de ver o mundo que o cerca, diferente do anterior à escola:

Os sujeitos alunos deste processo não terão garantia de emprego ou melhoria material de vida, mas abrirão possibilidades de alcançar esses objetivos, além de enriquecerem com outras referências culturais, sociais, históricas, laborais, ou seja, terão a possibilidade de ler o mundo, no sentido freireano, estando no mundo e o compreendendo de forma diferente da anterior ao processo formativo (BRASIL, 2007, p. 36).

Como é possível constatar na fala da discente que revela:

Francisca: “[...] terminar o Ensino Médio para começar uma faculdade [...]”.

Essas possibilidades enriquecedoras que oportunizam aos discentes alcançarem os objetivos futuros, pautados na vida pessoal, estudantil e em sociedade é o que muitos sujeitos do PROEJA desejam. Pois, ao se lembrarem do passado os alunos sentem-se motivados em alcançar um futuro diferente do anterior, e agora com garantia de busca do conhecimento e efetivação do direito à educação pública e gratuita.

Nas falas dos discentes da primeira turma do PROEJA, pode-se entender mais sobre os mesmos, suas trajetórias de estudo até chegar ao IFG-Câmpus Formosa, os incentivos que tiveram ao longo da vida para persistirem na busca pela construção do saber.

A discente Ana revela que: “o que mais me motiva, a continuar os estudos, é eu olhar para trás e querer o melhor, mudar de vida, e pra mudar de vida é preciso passar por esta etapa [...]”.

Joana: “Sempre q eu começava a estudar eu parava, ai dessa vez eu pensei, agora eu vou terminar, criar vergonha na cara e terminar essa etapa dos estudos. Sempre desistia por algum motivo, e também para conseguir um emprego melhor por que, tudo hoje em dia é na área da informática, ganhar um pouco melhor, dar uma vida melhor pros meus filhos, né?”

Rita: “Comecei a estudar com 6 anos, parei de estudar para ir para roça trabalhar, fiquei uns 6 anos fora da escola, conheci o pai dos meus filhos, engravidei da minha menina, também por motivo de trabalho, criança pequena, tive que parar de estudar”

Joice: “Quando eu era pequena minha casa ficava muito longe a escola, a gente saia 5:30 da manhã de casa, para chegar 8:00 horas na aula que começava as 7 e pouco, a gente sempre chegava atrasados. Ai parei de estudar várias vezes e sai de casa, aos 14 anos já para morar junto com meu marido e depois voltei para a escola duas vezes e desisti e agora 14 anos depois voltei pro PROJovem, depois fiquei 2 meses sem estudar e comecei no IFG”.

Ana: “eu estudava no PROJOVEM e o diretor daqui, Bailão, foi lá e convidou a turma pra vir para cá, pro IFG, eu achei uma oportunidade boa de continuar a estudar e vim, foi isso. Na época eu achei que nos ia sair daqui trabalhando, eu achava que conseguiria um emprego logo. Uma dificuldade que encontrei para continuar a estudar foi a distancia, ônibus, pra ta vindo pra cá direto quase não tem, eu tirei a carteira para dirigir, mas tenho muito medo, mas tenho um colega que me da carona e isso facilitou”.

Leide: “minha mãe só vivia mudando, não parava em nenhum lugar, ai ela arrumou uma mulher para eu ir morar na casa dela e ela me colocou na escola, sempre morei em Formosa, eu tinha 12 anos quando comecei a estudar, então estudei até os 15anos, parei de estudar, casei cedo, meu marido não deixava eu estudar, ai quando separei voltei a estudar no PROJOVEM e quando tive oportunidade comecei a estudar aqui, fiquei afastada da escola 12 anos”.

Silvia: “algo que eu pensei até em desistir muitas vezes foi ter que trabalhar para sustentar os meninos, meus filhos, pagar tudo, cuidar da casa e ta aqui de noite. E a distancia também, moro muito longe e aí quando eu morava mais perto não era tão complicado, agora morando longe, mas eu penso tenho que dar exemplo pra meus filhos, então a maior dificuldade que achei foi o trabalho e sustentar a casa”.

Francisca: “eu fui morar junto com o pai dos meus meninos com 17 anos, morei com ele 13 anos, sem estudar, ai resolvemos separar, ai eu resolvi voltar a estudar, mesmo muita gente falando que eu estava passada, velha para estudar, eu voltei e foi na época que o governo, colocou o PROJOVEM para os alunos que não tinham ensino fundamental, em 2008 voltei. Quando a gente pega o gostinho da sala de aula, que você ta aprendendo, ta fazendo a diferença isso motiva, no total foram quase 20 anos fora da sala de aula, não tinha oportunidade de estudar e agora com 32 anos estou terminando o ensino médio técnico”.

Domingos: “Fiquei fora da escola 12 anos, tempo perdido! Morava na fazenda, escola longe, meu pai e minha mãe separaram, comecei a trabalhar aí me afastei da escola. Voltei a estudar em 2007, fiz PROJOVEM urbano e daí não parei mais”.

3 A PERMANÊNCIA DOS EGRESSOS DO PROEJA IFG-CÂMPUS-FORMOSA-GO

A educação direcionada aos jovens e adultos debruça-se em grandes desafios como as questões escolares e pedagógicas, pois se faz importante que instituição de ensino proponha projetos e propostas que contemplem a realidade destes sujeitos, aliados a práticas pedagógicas diferenciadas e pensadas com a preocupação de êxito para os discentes e dessa forma proporcionar aos mesmos se sentirem incentivados a iniciar, permanecer e concluir as etapas do ensino destinado. Considerando as especificidades e os ritmos de cada aluno no processo de aprendizagem, algo que nem sempre ocorre, visto que os “fundamentos das práticas pedagógicas [...] mantêm uma organização escolar que também não considera a especificidade desses sujeitos. [...] espelham nas lógicas dos chamados “alunos regulares” ” (CASTRO, MACHADO E ALVES, 2010, p.30).

A organização escolar, bem como as práticas pedagógicas direcionadas ao público da EJA-PROEJA, deve levar em consideração o ritmo de aprendizagem deste público e assim, procurar conhecer e refletir sobre os desafios que permeiam o processo de ensino destinado aos mesmos, para isto, alguns desafios precisam ser enfrentados “o primeiro grande desafio, portanto é a reconstrução do elo positivo com a instituição escolar que deverá repensar sua proposta, direcionando o foco para as expectativas e modos de ser próprios dos jovens e adultos” (MOURA, 2007, p.8).

Estes alunos esperam que a escola, gestores, corpo docente possam proporcionar a possibilidade de acesso ao mundo da construção do conhecimento e acesso a informações, pois acreditam que por meio da escola podem mudar sua história e assim, alcançar êxito nos próprios objetivos traçados. Se a escola não promover esse elo positivo com o sujeito, o mesmo pode até desistir da continuidade dos estudos. O segundo grande desafio, “é que a escola precisa ser a idealizada para o aluno e não esta para a escola, tendo em vista que seu público alvo já tem experiências de vida acumuladas e responsabilidades definidas” (MOURA, 2007, p. 8). E assim utilizar a bagagem de conhecimento que o discente jovem e adulto traz, favorecendo a realidade escolar a tornando aliada no contexto da construção do conhecimento.

3.1 O PROFESSOR QUE SE FORMA NO ENFRENTAMENTO DA EJA

A formação docente é outro item que se faz necessário ser pensado e refletido, pois como afirma Coêlho (2006, p.52) “a reflexão, a crítica e o pensamento são inseparáveis de uma transformação lúcida e conseqüente da realidade”, refletir a realidade, bem como as peculiaridades que cercam a educação dos jovens e adultos em sala de aula e em sociedade, é um meio de transformar e contribuir com o êxito educacional dos mesmos. Mas, para que isso se efetive, exige-se no ambiente escolar, docentes que se mobilizem frente à transformação social e educacional dos discentes, educadores que incentivem o questionamento crítico dos alunos, baseado na busca da autonomia para a reflexão e ação intelectual do discente. Como enfatiza Coêlho (2006),

[...] um professor que seja mais do que um especialista em educação e no ensino de uma ou mais disciplinas, um tecnocrata do saber, habilitado nesta ou naquela especialidade e possuidor de alguma perícia técnica, alguém que transmite aos alunos verdades acabadas e socializa conhecimentos sistematizados. Enfim, exige um professor que a cada momento se faça trabalhador intelectual, alguém que pensa, compreende e trabalha para transformar a sociedade, a cultura, a educação, a escola, a universidade, a formação, o ensino e a aprendizagem; alguém que trabalha, não com saberes mortos, acabados e prontos, a serem aceitos e consumidos, mas com saberes vivos, instigantes da inteligência, da imaginação e da sensibilidade de docentes e discentes. Mestre e sábio é quem interroga, pensa, questiona as concepções e as práticas, próprias e dos outros e, vigilante e crítico, trabalha para inserir os humanos no mundo da autonomia, da liberdade, da dúvida, da crítica e do rigor próprios do trabalho intelectual, da reflexão, do pensamento, da expressão, mundo esse inseparável da ação (p. 60).

Desta maneira o docente que atua na educação dos jovens e adultos, precisa compreender que seu aluno é capaz de aprender, incentivando-o a progredir no processo de construção do conhecimento, sendo crítico e reflexivo, mesmo diante das dificuldades que permeiam o seu universo. Os educadores dos jovens e adultos “precisam mergulhar no universo de questões que compõem a realidade desse público, investigando seus modos de aprender de forma geral, para que possam compreender e favorecer essas lógicas de aprendizagem no ambiente escolar” (BRASIL, 2007, p.36). E ao utilizar esses meios de aprendizagem proporcionar ao discente o caminho para questionar a realidade que o rodeia, os fatos que ocorrem no dia-a-dia.

O educador juntamente com a instituição de ensino, deve refletir como possibilitar um meio favorável que garanta a esse aluno a perspectiva de educação, direcionada para o

posicionamento crítico, sendo possível assumir posturas éticas diante da realidade que o permeia, como cita Moura (2007, p.12),

Oferecer uma educação que prepare os jovens e adultos, não só para garantir um emprego e a empregabilidade, mas, sobretudo, que não separe escola e sociedade, conhecimento e trabalho afim de que possam assumir posturas éticas, no desenvolvimento de responsabilidades, compromisso, posicionamento crítico e reconhecimento de seus direitos e deveres.

Ainda para Maria Moura (2007, p.13) “[...] o ensino oferecido às pessoas jovens e adultas deve proporcionar as mesmas condições materiais e humanas ao oferecido nos cursos chamados regulares, respeitando-se as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo aprendizagem [...]”, pois se houver a preocupação de respeitar as diferenças de cada sujeito em sala de aula, bem como seu tempo de aprender, será possível desenvolver ações educativas que promovam a frequência, incorporando a inclusão desses sujeitos na escola, realizando a busca ativa por fatores que sejam fundamentais para a permanência e motivação deste público no ambiente educacional. Ações educativas essas que, para os alunos do PROEJA, segundo os próprios sujeitos, foram fundamentais para o prosseguimento dos estudos, favorecendo compreender o diferencial para os mesmos permanecessem e concluíssem o curso no IFG Câmpus-Formosa.

A construção da aprendizagem na instituição de ensino ocorre de forma contínua e requer dedicação e disciplina. E para que a mesma se concretize, a organização curricular é algo que deve permitir práticas aliadas a metodologias que favoreça o envolvimento do aluno em aula, permitindo que o mesmo se aproxime da realidade escolar, pelo que vivencia no seu cotidiano, em suas experiências de vida e assim participe do processo de ensino, sentindo-se responsável pelo êxito na aprendizagem, aliando o conhecimento prévio ao que será construído. Segundo o Documento Base do PROEJA

A respeito da organização curricular [...], observando as necessidades de contextualização frente à realidade do educando, promovem a resignificação de seu cotidiano. Essa concepção permite a abordagem de conteúdos e práticas inter e transdisciplinares [...], a utilização de metodologias dinâmicas, promovendo a valorização dos saberes adquiridos em espaços de educação não - formal, além do respeito à diversidade (BRASIL, 2007, p. 48).

Em sala de aula, as metodologias e os conteúdos podem permitir que discentes e docentes juntos intensifiquem as possibilidades de enriquecimento na construção do conhecimento, promovendo abordagens relacionadas à trajetória do aluno, utilizando materiais e métodos que venham inovar pedagogicamente, favorecendo a relação do

conhecimento já existente, tornando um meio de motivar, incentivar e favorecer a inclusão dos alunos jovens e adultos a participar durante as aulas.

Foi questionado aos discentes: O que mais os motivou, incentivou durante as aulas, dentre os alunos foi obtido a seguinte resposta:

Leide: “pra mim foi um máximo ter aula com alguns professores, que trazia para sala de aula, com exemplos do dia a dia [...].Um dos grandes motivadores na minha aprendizagem foi o professor [...]”.

A discente acima ficou dezesseis anos afastados do ambiente escolar e para ela bem como para outros sujeitos que revelam a importância do docente na sua formação, os métodos diferenciados de alguns professores, pois cada professor tem uma metodologia e em especial os professores do PROEJA foram se adaptando a turma de jovens e adultos, suas dificuldades e particularidades, bem como os alunos se adaptando aos professores no dia-a-dia. Como foi explicado por um outro discente.

Domingos: [...] então, com a paciência dos professores de motivar, na hora da explicação, falando, vamos lá gente vocês conseguem... calma, vamos lá. Os professores procuravam achar um método de fazer a gente aprender [...].

Constata-se mais uma vez na fala apresentada, a importância do docente para a sua formação. Entende-se assim, que quando o profissional se preocupa com a aprendizagem do seu aluno e favorece um melhor método para desenvolver a construção do conhecimento junto à turma, mesmo diante das dificuldades que surgirem durante o percurso da formação, a questão do diálogo, da paciência do educador na busca por métodos diferenciados em sala, ou até mesmo uma palavra de apoio, revela ser um importante fator motivador para o (a) aluno (a) prosseguir em seus estudos, sendo este um diferencial entre a desistência ou permanência do aluno na instituição escolar.

Ana: “eu acho que foi a ajuda dos professores, por que os professores aqui do Instituto no início eles não sabiam, eles tinham dificuldades para lidar com adultos, e com o tempo foi conhecendo cada aluno, suas dificuldades, seu problema. Os professores procuravam achar um método de fazer a gente aprender [...]”.

A questão do método diferenciado, ou seja, a preocupação do docente em buscar meios de contemplar a aprendizagem do aluno, surge nos discursos constantemente “O educador de jovens e adultos deve utilizar de vários temperos, um pouco de aventura, muita criatividade e arte, e uma aposta incansável na possibilidade do outro, porque no fundo, ele está trabalhando na tarefa de resgate de sujeitos sociais” (CENTRO DE AÇÃO COMUNITÁRIA 2005, apud MENDES et al, 2010, p.102). Os alunos ao longo do curso

foram observando que os docentes se preocupavam com a turma, que passaram a buscar propostas pedagógicas que possibilitasse aos alunos um melhor envolvimento nas aulas e contemplasse o aprendizado dos mesmos. Isso foi evidenciado como grande apoio à permanência e insistência dos mesmos em continuar os estudos no IFG.

A abordagem do docente em aula pode influenciar o desenvolvimento do discente jovem e adulto, pois o aluno vê no profissional professor não somente alguém que está na sala de aula para ensinar um conteúdo, mas o vê como alguém que respeita o educando, que se preocupa se estão aprendendo ou não, e vai ao encontro de intervenções metodológicas diferenciadas para facilitar o desenvolvimento da aprendizagem, propondo assim, que juntos alcancem a construção do conhecimento. É possível notar isto na fala da aluna, que confirma a importância do método do professor em sala de aula, inclusive influenciando e motivando a participar das aulas, tornando-se até mesmo um amigo ou alguém que se preocupa com sua aprendizagem e como a mesma se efetiva.

Joice: “Tem professor que a gente quer participar, devido o jeito do professor. Todos professores são ótimos, mas tem uns que não tem jeito, é pra marcar a nossa vida, o jeito de falar, de preocupar. Um dos grandes motivadores na minha aprendizagem foi o professor [...] que ficou com a gente quase todo o curso, foi um amigo”.

O diferencial para a aluna entrevistada, motivando-a na continuidade dos estudos foi o docente, pois o discente cria uma aproximação com seu professor e com o tempo os mesmos tornam-se parceiros, favorecendo uma interação entre educador-educando, pela metodologia diferenciada do professor em sala de aula, por seu respeito às especificidades desse público jovem e adulto.

O profissional professor que atua na educação de jovens e adultos deve ter consciência que é preciso paciência e adaptação para construir um elo positivo entre aluno e professor, para assim conhecer e reconhecer a realidade que permeia esses sujeitos e ser possível incluí-los, aproximá-los e envolvê-los no processo educacional, considerando que esses alunos têm as suas especificidades, sendo necessárias ações educativas e metodológicas que busquem ser pautadas em uma educação humanizadora: “É necessário considerar também que esses jovens e adultos possuem trajetórias escolares descontinuas, sendo necessária uma educação humanizadora que não se restrinja a “tempos próprios” e “faixas etárias [...]” (BRASIL 2005, apud FONSECA; OLIVEIRA; SANTANA, 2010, p.124), educação essa, que venha favorecer o aprendizado e socialização escolar desses alunos.

Educação humanizadora que respeite as especificidades que por vezes estão inseridas no cotidiano do sujeito, desde suas dificuldades de socialização até as cognitivas, pois, as

dificuldades de aprendizagem podem surgir, sendo necessárias propostas metodológicas que contemplem ao discente jovem e adulto, evitando desta maneira a desistência da instituição escolar. Como afirma Moura (2007, p.8) que “[...] os jovens e adultos têm características próprias que devem ser contempladas nas propostas de trabalho [...], precisam ser identificadas e trabalhadas para que não provoque situações de desconforto, levando-os mais uma vez a abandonar a escola”. Fazem-se necessárias intervenções pedagógicas diferenciadas, que possibilitem a docentes e discentes que por vezes estão cansados da rotina das aulas, do trabalho diário e também devido ao esforço dos alunos que retornaram à escola, não venham desistir do universo escolar,

Oferecer aos professores e aos alunos a possibilidade de compreender e aprender uns dos outros, em fértil atividade cognitiva, afetiva, emocional, muitas vezes no esforço de retorno à escola, e em outros casos, no desafio de vencer estigmas e preconceitos pelos estudos interrompidos e a idade de retorno, é a perspectiva sensível com que a formação continuada de professores precisam lidar (BRASIL, 2007, p.34).

O que pode-se perceber e que no geral “Os professores que trabalham na EJA, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou pertencentes ao próprio corpo docente do ensino regular” Gadotti e Romão (2006, p.122), faz-se necessário investimento em educação continuada aos docentes que atuem com a EJA, visto que, “não se obterá ensino de qualidade sem um corpo docente qualitativamente preparado para o exercício de suas funções e, muito menos, com precária situação no que respeita à remuneração e condições de trabalho” (GADOTTI E ROMÃO, 2006, p. 122).

Em relação à formação do docente, “[...] não significa que um professor que atue na educação básica ou profissional não possa trabalhar com a modalidade EJA” (BRASIL, 2007, p.36). Para isso, faz-se necessário que estejam dispostos a inovar sua prática pedagógica, conhecer as dificuldades de aprendizagem dos alunos e “mergulhar no universo de questões que compõem a realidade desse público, investigando seus modos de aprender de forma geral, para que possam compreender e favorecer essas lógicas de aprendizagem no ambiente escolar”. (BRASIL, 2007, p.36). Constata-se que os docentes que atuam com a educação dos jovens e adultos devem criar as possibilidades, estratégias para desenvolver e motivar os alunos a construir e ampliar sua aprendizagem, pois, “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Assim, ratifica-se a importância do educador em pensar e refletir novos meios de ampliação e construção do conhecimento junto ao educando, confirmando a importância da atuação do profissional docente para os alunos jovens e adultos do PROEJA - IFG Câmpus Formosa.

3.2 O ASPECTO PRÁTICO NA FORMAÇÃO DO DISCENTE DO PROEJA

Os alunos do PROEJA-IFG foram questionados, sobre quais os tipos de materiais (recursos) utilizados pelos professores durante as aulas que mais influenciaram na aprendizagem. Em grande parte das falas é possível destacar as seguintes afirmações: data show, aula prática no laboratório e materiais impressos (capítulos de livros e outros gêneros textuais).

Foi perguntado o que mais os motivava a participar das aulas, interagir com a turma durante a explicação do professor. O primeiro elemento citado foi a possibilidade de se inovar pedagogicamente com estratégias diferenciadas, propostas que venham favorecer a participação durante das aulas por meio práticas no laboratório e dos seminários. Estes itens foram citados várias vezes pelos alunos do curso Técnico em Manutenção de Suporte em Informática. Os seminários favoreceram os alunos durante as aulas para um melhor envolvimento na busca pelo conhecimento do objeto que deve ser estudado, para o entendimento e concretização do saber e logo depois, ser compartilhados com os colegas e professores em aula, ratificando a construção do conhecimento e a conquista do desafio que foi proposto pelo docente ainda em sala de aula.

Para a aluna Rita: [...] quando temos que apresentar algum trabalho, temos que interagir, participar né? Então, isso que faz eu participar, é bom ver que consegui concluir, isso motiva bastante[...]. A dedicação faz a gente aprender, não adianta nada ir na internet e copiar para fazer um trabalho, tenho que ler, me informar, ver a fonte.

A afinidade por determinada disciplina também foi algo muito frisado, uma vez que tem disciplinas que possibilitam aos alunos participarem mais, dando suas opiniões, permitindo serem ouvidos e poder escutar os demais colegas.

A questão do diálogo é algo muito importante para os discentes pesquisados, pois permite aos mesmos interagir, por meio da fala, verbalizar o que pensam sobre determinada formação que para os alunos é importante.

Silvia: “[...] gosto da aula no laboratório, a professora ensinou a gente a fazer criptografia eu gostei, práticas com o computador, por que quando entrei aqui eu não sabia nada, e hoje aprendi muito”.

Ir além das aulas expositivas mais habituais, propondo atividades de cunho mais prático, como a utilização do laboratório, ou seja, explorando a possibilidade do conhecimento mediado pelo uso de materiais concretos foi muito importante para os alunos jovens e adultos do PROEJA, que após um dia cansativo de trabalho, iam para a sala de aula e se deparavam com algo que os motivava, a prática, o desvendar de algo antes desconhecido.

Ana: “eu aprendi mais com as aulas práticas, a teoria deve ser mantida, mas a prática deveria ser maior tempo durante o curso, a prática seria o melhor modo de aprendizado, eu acho”!

Joana revela que: “No início o computador era um bicho de sete cabeças, então quando abri um computador na aula pela primeira vez eu me apaixonei pela placa mãe do computador, não tem como errar uma peça, por que tudo esta divididinho lá dentro, e isso me chamou a atenção para aprender mais, e assim quando veio às aulas práticas... Então, com as aulas práticas e a ajuda dos professores ficou melhor”.

As aulas práticas são citadas como uma grande demanda dos alunos do PROEJA da turma de egressos do curso de Suporte e Manutenção de Informática, como algo fundamental para seu aprendizado e melhor motivação quando estão em laboratório. Os professores que possibilitava ao aluno (a), conhecer uma peça nova e explorá-la, favorecendo uma melhor construção da aprendizagem, contribuíram para a permanência e melhor desempenho do aluno na aula.

3. 3 APOIO MÚLTIPLO DOS ALUNOS (AMIGOS) DA TURMA

No início do curso, ainda em Junho de 2010, os alunos da turma eram apenas conhecidos, depois se tornaram colegas, amigos e parceiros. Chegou um ponto que quando estava somente os oito alunos na turma um não permitia que o outro desistisse, quando um aluno ficava doente os outros ligavam, se preocupavam, levavam o conteúdo para o colega estudar.

Quando algum aluno estava convicto em desistir do curso, os outros se uniam e procuravam ajudar o colega a não desistir da trajetória escolar e assim, permaneceram unidos os oito alunos da primeira turma do PROEJA.

A seguir alguns relatos sobre a importância dos colegas que se tornaram amigos e fonte de motivação para a permanência dos sujeitos que conquistaram a oportunidade de permanecer e concluir o curso em Téc. em Manutenção de Suporte em Informática, do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Formosa.

Rita: “os professores ligavam, as meninas me passava à matéria, e foi graças a eles que consegui”.

Silvia: “com o tempo eu fui adaptando aos colegas e formando uma família aqui dentro, com o tempo um foi apoiando o outro, acho que uma pessoa quando vai desistindo, desmotiva a gente a parar também, mais os que foram ficando falava: vamos continuar”!

Domingos: “hoje tenho mais orgulho por alguns desses amigos aqui, que me ensinou muita coisa. Me ensinou a ser mais forte ainda mais do que sempre fui, por que tinha muita dificuldade ...”.

Leide: “Sobre os meus amigos da turma, tenho orgulho de cada um deles, não tenho nem palavras...”.

Percebe-se assim, o quanto foi fundamental para os sujeitos pesquisados: a atuação do profissional docente, com ações educativas que viessem contemplar a realidade dos alunos, respeitando-os em suas dificuldades e motivando-os a permanecer na instituição de ensino, a questão do aspecto prático na formação possibilitando aulas no laboratório, o que segundo os sujeitos da pesquisa poderia ser ainda maior, a quantidade de aulas práticas, e também o incentivo por parte colegas, proporcionando apoio mútuo durante as aulas e também fora do ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de repensar-se a permanência escolar dos discentes que iniciam ou retomam a vida estudantil é de fundamental relevância, uma vez que faz-se necessário possibilitar o acesso do aluno à escola, mas também a permanência e continuidade dos estudos.

Com esta pesquisa foi possível compreender o diferencial no IFG-Câmpus Formosa que segundo os próprios alunos da primeira turma do PROEJA do curso Técnico em Manutenção de Suporte em Informática foram fundamentais para que os mesmos prosseguissem e concluíssem esta etapa dos estudos. Por meio do dialogo com os discentes foi possível entender que mesmo chegando ao final dessa etapa dos estudos, uma grande parcela dos alunos do PROEJA deseja prosseguir na formação acadêmica. Almejam novas oportunidades frente às possibilidades educativas para além da educação básica, estão ansiosos pelo ingresso na educação superior ampliando o itinerário escolar.

Para os discentes do PROEJA, foi fundamental a atuação do professor e suas práticas pedagógicas, as aulas práticas possibilitando uma melhor dimensão do conhecimento a ser construído, o apoio mútuo dos amigos da turma, pois todos se preocupam uns com os outros, favorecendo uma parceria ao grupo de egressos.

Compreende-se o quanto a prática docente e as ações pedagógicas foram determinantes para a permanência deste público na instituição, contribuindo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e favorecendo para que os mesmos concluíssem o curso no Instituto, ampliando dessa forma seu conhecimento e itinerário formativo, sabe-se que para Moraes e Varela (2007, p.13) “O conhecimento é uma construção individual e coletiva, e à escola cabe o papel de fornecer condições adequadas a essa construção”.

A escola, juntamente com o corpo docente, acadêmico e administrativo pode unir-se na produção de condições para que os alunos entrem e permaneçam na mesma no decorrer do curso: “É necessário que os saberes desenvolvidos durante a sua permanência na escola sejam saberes úteis, próprios” (OLIVEIRA, et al , 2010, p.162).

E para se intensificar o respaldo à educação de tantos jovens e adultos na sociedade, faz-se necessário banir o preconceito em relação a essa modalidade de ensino, bem como valorizar os docentes destinados ao público de EJA e PROEJA, para que os mesmos tenham possibilidades, tempo e recursos para especializarem e adquirirem experiência na educação destinada a esse público. Muitas são as dificuldades que os decentes enfrentam no dia a dia

para conseguirem ampliar o conhecimento nesta área de ensino, como enfatizam Machado e Oliveira (2010, p. 33) “Tal dificuldade decorre também das efetivas condições de trabalho desses profissionais que em sua maioria, têm uma carga de trabalho extenuante”. O que pode ser minimizado com políticas de Dedicção Exclusiva, como ocorre no IFG, e com a possibilidade dos docentes se dedicarem mais a essa modalidade por meio de formação continuada e compreensão da dimensão que assume esse projeto no sentido de contribuir com a formação cidadã e emancipatória, mediante um trabalho que é também político.

Machado e Oliveira (2010, p.33) constataram “[...] a ausência de política de formação continuada das redes, que não proporcionam condições para que os seus profissionais possam dedicar-se, mesmo que parcialmente, ao estudo, à investigação e à proposição de novas experiências”. Experiências essas que juntas possibilitariam ampliar as questões que favorecem a permanência dos alunos da EJA/PROEJA nas instituições de ensino, bem como as possibilidades de reflexão-ação sobre como diminuir a evasão desses sujeitos do ambiente escolar.

Outra forma de apoiar essas modalidades de ensino é pesquisando e produzindo trabalhos que as respaldem, sobre suas trajetórias de lutas pelo direito à educação, que por tempos lhes foi negado. Quanto antes começarem a “produzir pesquisas históricas que reconstruam a imagem real da educação de jovens e adultos e superem a imagem bastante preconceituosa que ainda é dominante” (ARROYO, 2006, p.33), será possível a esses sujeitos exercerem o direito que lhes cabe à educação de qualidade, que proporcione base para motivá-los a permanecer durante todo um percurso de estudo, pois assim, retirando o preconceito que ainda se faz presente no meio social sobre a educação destinada aos jovens e adultos, será possível enxergá-la, aceitá-la e reconhecê-la como realmente é: um direito do sujeito como cidadão e de todos os envolvidos na busca de uma educação que seja realmente de qualidade.

Em pleno século XXI ainda existe uma visão distorcida, chegando a ser preconceituosa voltada para os alunos que fazem parte da EJA e do PROEJA. Sujeitos/alunos que tiveram seus direitos negados, não abandonaram a escola por que simplesmente assim o quiseram, mas devido à falta de uma política de direito, que realmente os respaldassem e se fizesse cumprir,

Os jovens - adultos não são acidentados ocasionais que, ou gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias coletivas. As mesmas de seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnia e classe social. Quando se perde essa identidade coletiva, racial, social popular dessas trajetórias humanas e escolares, perde-se a identidade da EJA e passa a ser

encarada como mera oferta individual de oportunidades pessoais perdidas. As trajetórias humanas e escolares desses jovens - adultos merecem ser lidas nessa perspectiva. Assumida esta dimensão: direitos negados historicamente aos mesmos coletivos sociais, raciais, conseqüentemente teremos de assumir a EJA como uma política afirmativa, como dever específico da sociedade, do Estado, da pedagogia e da docência [...] (ARROYO, 2006, p. 30).

Faz-se necessário respeito às peculiaridades de cada pessoa, suas trajetórias de vida, levando também em consideração os direitos humanos de cada “pessoa-aluno”. Direito a iniciar, permanecer e concluir os estudos. Faz-se relevante enfatizar a questão da responsabilidade do Estado, para as verbas públicas destinadas à educação de jovens e adultos e também para uma formação de qualidade com garantia de continuidade. Como enfatizam Machado e Oliveira (2010, p.12). A educação dos jovens e adultos deve ser “[...] assumida pelo Estado como política pública, garantindo a continuidade das suas ações e do seu financiamento” (BRASIL, 2007). De maneira que os envolvidos no processo de ensino, professores, alunos, técnicos administrativos venham ser respaldados quanto a uma efetiva construção educacional na sociedade. Como está explicitado no Documento Base do PROEJA (BRASIL, 2007, p.33) outro “[...] aspecto a ser considerado é o da formação continuada. Para consolidar uma política é necessária uma mudança na cultura pedagógica que rompa com conhecimentos fragmentados”, fornecer e manter meios dos docentes se qualificarem e expandirem o conhecimento na área de atuação.

A educação anseia por docentes que conheçam a realidade dos jovens e adultos; alunos como os do PROEJA que deixaram de estudar por décadas e que retornaram aos bancos escolares, mas que infelizmente muitos não encontraram motivação para permanecerem na instituição de ensino e acabaram evadindo. Faz-se relevante conhecer os antecedentes do histórico da EJA, do PROEJA para assim entender a realidade desses sujeitos,

Enquanto educador (a) de crianças, jovens e adultos em qualquer nível de ensino não se pode esquecer que, para entender o sentido da Educação, nos dias atuais, é importante conhecer os precedentes de nossa época, pois o conhecimento da história é fruto das dinâmicas sociais, políticas, filosóficas, jurídicas, econômicas e culturais. E é esse movimento ritmado que permite o conhecimento e a compreensão da realidade (MOURA, 2007, 52).

É preciso que o educador venha conhecer sobre o legado histórico da trajetória da EJA e do PROEJA, pois ao conhecer os precedentes do galgar da educação destinada a essas modalidades de ensino, será possível compreender a realidade de tantos jovens e adultos que

hoje podem fazer parte do mundo letrado, ampliar o itinerário formativo, alcançar a acessão social, direito que lhes cabe, mas que por muito tempo foi negado.

Hoje é preciso docentes dispostos a ser um referencial na vida de tantos Josés, Anas, Joãoes, Ritas (...); que por vezes tiveram seus direitos negados, e não puderam permanecer na escola, por falta de oportunidades ou pela ausência de motivação para continuarem.

Hoje e não só hoje, todos os dias, são precisos docentes - educadores que se preocupem com a permanência, êxito e motivação do aluno na escola. Que construam com os discentes a importância de uma sociedade consciente do seu direito à educação.

Além do aspecto docente é preciso levar em consideração todo o contexto que inviabiliza a permanência dos estudantes do PROEJA nos cursos iniciados e atuar com políticas efetivas, tanto no plano do auxílio estudantil, como da possibilidade de transporte de qualidade, as questões didáticas pedagógicas que estejam inseridas, os aspectos do planejamento, currículo e avaliação apropriados a este público e como elemento fundamental, talvez o principal, o cuidado com as relações humanizadas e atentas. Com a recente criação de uma coordenação específica para o PROEJA a instituição parece assumir essas especificidades e apontam para aprimoramentos neste trabalho. Cabe salientar, portanto, que os elementos destacados nesta oportunidade de pesquisa devem valer como importante referência e que ocorram outras investigações que apontem o andamento dos trabalhos e talvez possa orientar os caminhos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L; GIOVANETTI, M. A. G C; GOMES, N. L.(Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL, C. C. **História da alfabetização de adultos: de 1960 até os dias de hoje**. 2005. Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/Cristiane_Costa_Brasil.pdf>. Acesso em: 17/07/2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 03/04/2014.

_____. Ministério da Educação. **Programa Brasil Alfabetizado- novo**. Brasília: 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17457&Itemid=817>. Acesso em: 18/02/2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Alunas e alunos da EJA**. Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: 2006a.

_____. **Projeto Programa Projovem**. 2006b. Disponível em: <<http://www.oei.es/pdfs/ProJovem.pdf>>. Acesso em: 18/02/2014.

_____. Ministério da Educação. Programa Nacional da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. **Documento Base**. Brasília, 2007a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acesso em: 23/07/2013.

_____. Ministério da Educação. Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental. **Documento Base**. Brasília: 2007a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_fundamental_ok.pdf>. Acesso em: 12/07/2014.

_____. **Reorganização da EJA - Educação de Jovens Adultos da Rede Municipal de Ensino de São Paulo**. Conselho Municipal de Educação- Parecer nº 96/07/2008. 2008a Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/publicacoes/reorganizacaoeja.pdf>>. Acesso em: 14/04/2014.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais (5^a a 8^a séries). **Terceiro e Quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: 2008b.

_____. **Presidência da República. Lei 11892/08**. Brasília: 2008c. Disponível em: <<http://www.leidireto.com.br/lei-11892.html>. Acessado em 24/07/2013.

_____. **Lei 11.892/08**. Comentários e Reflexões. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução nº 4 de 2010. Brasília: 2010a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em: 25/09/2013.

_____. Ministério da Educação. **Prestação de contas ordinária anual. Relatório de gestão do exercício de 2011**. Brasília: 2012b. Disponível em: <http://Downloads/relatorio_gestao_setec_2011.pdf. Acesso em: 12/09/2014.

CASTRO, M; MACHADO, M; ALVES, M. O Proeja como desafio na política de educação voltada a jovens e adultos trabalhadores. In: MACHADO, M. M; OLIVEIRA, J. F. de. (Org.). **A formação Integrada do trabalhador: desafios de um campo em construção**. São Paulo: Xama, 2010. p. 25-33.

CASTRO, M; VITORETTE, J. O processo de implantação do Proeja no IFG Câmpus Goiânia: Limites, possibilidades e desafios. In: MACHADO, M. M; OLIVEIRA, J. F. de. (Org.). **A formação Integrada do trabalhador: desafios de um campo em construção**. São Paulo: Xama, 2010. p.50.

CERATTI, M. R. N. **Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos**. Programa de Desenvolvimento Educacional. Paraná: 2007. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_marcia_rodriques_neves_ceratti.pdf. Acesso em: 18/02/2014.

CÔELHO, I. M. A Universidade e formação de professores. In: GUIMARÃES, V.S (Org.). **Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da universidade**: São Paulo: Papyrus, 2006, p.52-60.

_____. **Cultura e educação escolar: Questão a ser pensada, realidade a ser inventada**. XXIV Congresso de Educação do Sudoeste Goiano. Universidade Federal de Goiás-FE. Goiás: 2008. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/viewFile/550/265>. Acesso em: 28/06/2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981. Disponível em:

<http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em: 10/09/2013.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação: ensaios/Paulo Freire**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em:

<http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pol%C3%ADtica_e_Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em 17/07/2013.

FONSECA, C. A; OLIVEIRA, J. de. F. A. C; SANTANA, L. E. B. A busca de uma aprendizagem significativa para alunos do Proeja: estratégias adotadas no curso Técnico em Agroindústria do IF Goiano campus Morrinhos. In: MACHADO, M. M; OLIVEIRA, J. F. de. (Org.). **A formação Integrada do trabalhador**: desafios de um campo em construção. São Paulo: Xama, 2010.p.124.

FONTES, M. A. R. Os Jesuítas e a Educação brasileira uma abordagem reflexiva. 2013. **webartigos**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/os-jesuitas-e-a-educacao-brasileira-uma-abordagem-reflexiva/109454/>. Acesso em: 29/07/2013.

GADOTTI, M; ROMÃO, J. E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 8ª. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

GUIMARÃES, V. S (Org.). **Formar para o mercado ou para a autonomia?** O papel da universidade. São Paulo: Papirus, 2006.

GUIMARÃES, A; STECHER, M. **O adolescente e o adulto nas séries iniciais**. GO. 2006. Disponível em:

<http://www.iesgo.edu.br/revistans/arquivos/trabalhos_discentes/oadolescenteeoadultonasseresinicias.pdf. Acesso em: 19/09/2013.

HORIGUTI, A. C. **Do Mobral ao Proeja: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas**. Bento Gonçalves, RS: 2009. Disponível em:

<http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf. Acesso em 17/07/2013.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - Goiás. **Técnico Proeja em Manutenção e Suporte em Informática**. Goiás: 2014. Disponível em: <<http://www.formosa.ifg.edu.br/index.php/técnico-proeja/manutenção-e-suporte-em-informatica>. Acesso em: 28/06/2014.

_____. **Cursos Técnicos - PROEJA**. Disponível em: <<http://www.ifg.edu.br/index.php>. Goiás: 2013. Acesso em: 25/07/2013.

_____. **Educação**. Goiânia-GO: 2014. Disponível em: <<http://www.ifg.edu.br/index.php/component/content/article/1-news/88917-educacao>>. Acesso em: 20/03/2014.

LERVOLINO, S. A; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. Revista: **Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 2, p 115-21, jun, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>>. Acesso em: 13/03/2014.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E, M. 6ª ed. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDES, A. de O. et al. Reconstrução e ressignificação do currículo do curso técnico integrado em serviços de Alimentação do IFG a partir da prática em sala da aula. In: MACHADO, M. M; OLIVEIRA, J. F de. (Org.). **A formação integrada do trabalhador: desafios de um campo em construção**. São Paulo: Xama, 2010. p.102.

MORAM, J; MASETTO, M; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 10ª. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2006.

MOURA, M. da G. C. Educação de jovens e adultos: que educação é essa? **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina: ano 12, n.16. p.51- 64, jan. / jun. 2007.

MORAES, C. R; VARELA, S. Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem. Revista: **Eletrônica de Educação**. Londrina – PR: Ano I, nº. 1, ago/ dez. 2007. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf>. Acesso em: 27/01/2014.

ORQUIZ, I. C. de A. **Políticas Públicas na Educação de Jovens e Adultos: Programa Alfabetização solidária**. RS: 2004. Disponível em: <http://www.cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_arquivos/18/TDE-2008-02-19T125339Z-1299/Publico/ISABEL%20ORQUIZ.pdf>. Acesso em 17/07/2013.

OLIVEIRA, F. R. Q, de. et al. As particularidades do ensino de adultos: experiência na arte e na matemática. In: MACHADO, M. M; OLIVEIRA, J. F. de. (Org.). **A Formação Integrada do Trabalhador: Desafios de um campo em construção**. São Paulo: Xama, 2010. p.162.

OTRANTO, C. R. Criação e implantação dos Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia – IFETs. **Retta** (PPGE/UFRRJ). Rio de Janeiro: Ano I, nº. 1, jan- jun, 2010, p. 89-100. Disponível em: <<http://www.celia.na-web.net/pasta1/trabalho19.htm>>. Acesso em: 10/07/2014.

PASQUETTI, D. B. **Bolsa- auxilio no PROEJA: uma necessidade ou estímulo?** Porto Alegre: 2009. Disponível em: <http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051104242906damaris_bertuzzi_pasquetti.pd>. Acesso em: 12/02/14.

PACHECO, E. **Os institutos Federais. Uma revolução na educação profissional e tecnológica.** Natal: IFRN, 2010.

SABINO, R. do N; FERREIRA, R. de B, C. **Quem é o sujeito da EJA? Ou alunos da EJA: Quem são esses sujeitos?** Disponível em: <<http://www.catedraunescoeja.org/GT05/COM/COM038.pdf>. Acesso em: 26/08/2014.

SILVA, S. A. da. **Educação de jovens e adultos: um confronto entre teoria e prática.** Bauru: 2007. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Solange%20-%20Final.pdf>. Acesso em 29/07/2013.

SUES, R. C; BEZERRA, R. G; SOBRINHO, H. de C. Um único espaço escolar e duas realidades diferentes de ensino: considerações acerca da situação da modalidade regular e da EJA no município de Formosa, Goiás. **Lugares de Educação e ISSN2237-1451.** Bananeiras – PB: v. 3, n.6, p. 01-16. Junho/Dez 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/15861/9371>. Acesso em: 19/09/2013.

SCUARCIALUPI, L. Por dentro da lei de Diretrizes e Bases. O que é a lei de Diretrizes e Bases, quais os principais ganhos para os cidadãos e a história até sua aprovação em 1996. **Educar para Crescer.** 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/lei-diretrizes-bases-349321.shtml#>. Acesso em: 18/02/2014.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista: **HISTEDBR On-line.** Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf. Acesso em: 16/09/2014.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Perguntas realizadas na entrevista destinada aos discentes da primeira turma do PROEJA do curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática.

1. Quais os principais motivos que ti levou a concluir o curso?
2. Qual a maior dificuldade que você acredita ter passado nessa trajetória de três anos e meio, para dar continuidade nesse curso?
3. Quais os matérias que foram utilizados durante a aula, que você considera que contribui e influencia mais seu aprendizado?
4. Foi utilizado um material diferenciado durante as aulas?
5. O que mais motivou você a participar e interagir durante as aulas?
6. O que mais te desmotivou, dificultando sua aprendizagem durante as aulas?
7. Hoje você teria uma sugestão para melhorar a qualidade da educação dos jovens e adultos no IFG?
8. Quanto tempo você ficou fora da escola? Você poderia falar um pouco da sua trajetória de vida e escolar?